



Anuncie aqui

 Madrid - ES



Mindfulness no Trabalho:

Foco e Calma em Ambientes de Alta Pressão

Por Drika Gomes COLUNISTA

Quem nunca sentiu o coração acelerar diante de prazos apertados, reuniões intermináveis ou a sensação de que o dia não terá horas suficientes? A pressão no ambiente de trabalho é hoje uma das maiores fontes de desgaste físico e emocional. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, o estresse ocupacional já é considerado um dos principais fatores de adoecimento mental e queda de produtividade nas empresas modernas.

Leia Mais Pag A19

Por que a tradição esta desaparecendo?

A Resistência da Leitura Classica

Por Jeane Tertuliano COLUNISTA

Vivemos em uma era que idolatra o imediato! Tudo pulsa em velocidade, como se o tempo estivesse sempre prestes a nos escapar pelos dedos. A vida moderna exige movimento, resultados rápidos, respostas prontas.

Leia Mais Page A22

LITERATURA



Agora Inês é Eterna

Por Aline Abreu Santana COLUNISTA

Como o Amor Trágico de Camões Renasce na Era Digital - Uma Releitura Moderna de Inês de Castro

Leia Mais Pag A3

As Coleções de Obras Asiáticas em Paris



Por Mariana Pacheco COLUNISTA

Paris abriga a maior coleção de arte asiática da Europa com mais de 60 mil objetos nos museus Guimet e Cernuschi, formada através de coleções particulares de industriais franceses do século XIX e apropriação colonial de artefatos históricos durante expedições militares, saques e pilhagens na Indochina Francesa e China, levantando debates contemporâneos sobre repatriação cultural.

Leia Mais Pag A6

CRÍTICA



"Michael" (2026)

E o Rei do Pop na era da hiperconexão

Por Mariana Pacheco COLUNISTA

Estimado que Michael Jackson possui cerca de 4,8 bilhões de fãs ao redor do mundo, com 95% da população mundial ainda reconhecendo seu nome, mesmo após sua morte em 2009, ou seja, cerca de 9 em 10 pessoas conhecem o rei do Pop (Fatos Desconhecidos, 2025).

Leia Mais Pag A23

LITERATURA



A Narrativa Feminina na Literatura Clássica:

O Que Podemos Aprender com Jane Austen?

Por Jeane Tertuliano COLUNISTA

Jane Austen não apenas escreveu romances, ela nos convida a entrar nas casas, nas salas de estar e nos corações de suas personagens, como quem desliza a ponta de um pincel sobre uma tela viva.

Leia Mais Pag A10

FILOSOFIA



O Sentido Filosófico no Sofrimento?

Uma Reflexão Profunda sobre a Consciência, Dor e Autoconhecimento na Filosofia Contemporânea

Por Jeane Tertuliano COLUNISTA

Sentir nasce do pensar. Cada emoção é sombra e reflexo dos labirintos da mente. Quando os estímulos negativos insistem, o fluxo de pensamentos se adensa, como nuvens pesadas sobre a consciência!

Leia Mais Pag A14

Os ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura

Por J.B Wolf EDITOR CHEFE



1903
Bjørnstjerne Bjørnson (Noruega)



1904
Frédéric Mistral (França)
José Echegaray (Espanha)

Leia Mais Pag A8 e A9

CULTURA



Biblioteca: Tesouro Dos Remédios Da Alma

Por Beth Baltar COLUNISTA

As bibliotecas evoluíram de "Tesouro dos remédios da alma" no Egito antigo para centros multimídia contemporâneos, passando pela Biblioteca de Alexandria, mosteiros medievais, universidades renascentistas e bibliotecas públicas modernas, transformando-se de simples depósitos de livros em espaços que promovem arte, cultura, educação e construção de valores sociais através da tecnologia.

Leia Mais Pag A12

COMPORTAMENTO

Rotinas matinais: como começar o dia com mais energia e foco?

A Ciência por Trás dos Rituais Matinais e o Poder Transformador da Leitura de 6 Minutos

Pag A19

COMPORTAMENTO

Amizade e Relacionamentos na Adolescência.

A Importância das Conexões Humanas na Formação da Identidade Juvenil

Pag A18

FILOSOFIA

Virtude: um conceito abandonado?

Uma Reflexão Sobre a Relevância da Excelência Moral na Sociedade Contemporânea

Pag A15

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



PARTICIPE!

Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao SITE e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição no quadro "REFLEXÕES & COMENTÁRIOS"





Miguel de Cervantes: O Homem que Ensinou o Mundo a Sonhar com Moinhos de Vento



LITERATURA - Leia no site



Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



Há escritores que contam histórias, e há escritores que mudam para sempre o modo como a humanidade entende a própria experiência. Miguel de Cervantes Saavedra pertence ao segundo grupo. Filho de um modesto cirurgião, soldado ferido em batalha, prisioneiro por anos em terras estrangeiras, funcionário público mal pago, escritor que morreu sem fortuna e sem glória plena, ele se tornou, séculos depois, o nome por trás do que muitos consideram o primeiro grande romance moderno: Dom Quixote de La Mancha.



Falar de Cervantes é falar de alguém que viveu na borda entre fracasso e imortalidade. Sua vida, marcada por infortúnios, ironicamente serviu de matéria-prima para a invenção de um dos personagens mais inesquecíveis da literatura universal: um fidalgo pobre que enlouquece de tanto ler romances de cavalaria e decide, tarde demais na vida, tornar-se herói. Mas, antes do mito, houve o homem.

A juventude turbulenta e o chamado das armas

Miguel de Cervantes nasceu em 1547, provavelmente em Alcalá de Henares, na Espanha, em uma família de poucos recursos e muitas dívidas. O pai, Rodrigo, era um cirurgião-barbeiro itinerante, profissão modesta e instável. A infância de Cervantes foi marcada por deslocamentos constantes, mudanças de cidade e a experiência precoce da precariedade material.

Ainda jovem, Cervantes se encantou pelas letras. Sabemos que estudou com mestres humanistas e que, em algum momento, teve contato com o teatro. Porém, foi a guerra que primeiro o chamou. Em 1570, ele se alistou no exército espanhol e participou, no ano seguinte, de uma das batalhas mais decisivas da história europeia: a Batalha de Lepanto, em que a Liga Santa enfrentou o Império Otomano.

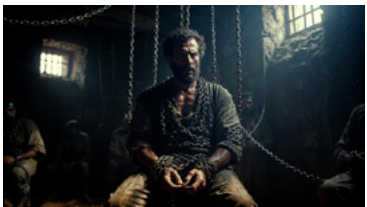


Cervantes combateu a bordo da nau Marquesa. No confronto, foi ferido gravemente: levou tiros no peito e no braço esquerdo, perdendo parcialmente o movimento da mão. Por isso, ficaria conhecido como “o manco de

Lepanto”. Ele próprio, mais tarde, se orgulharia do ferimento, chamando-o de a mais honrosa cicatriz de sua vida. O herói de armas, porém, ainda estava longe de se tornar herói de letras.

Do campo de batalha ao cativeiro

Depois de Lepanto, Cervantes continuou servindo na milícia por alguns anos. Em 1575, quando retornava à Espanha, o navio em que viajava foi capturado por corsários argelinos. O escritor passou então cinco anos como prisioneiro em Argel, tentando fugas sucessivas, todas fracassadas. Foi resgatado em 1580, graças ao pagamento de resgate por religiosos da ordem dos Trinitários.



Poucos episódios são tão reveladores da fibra de Cervantes quanto esse período de cativeiro. Testemunhas da época relatam que ele sempre assumia para si a responsabilidade pelas tentativas de fuga, tentando poupar os companheiros de punições mais duras. Esse senso de honra, de lealdade e de teatralidade moral ecoaria décadas mais tarde na figura de Dom Quixote.

De volta à Espanha, Cervantes não encontrou glória, mas dificuldades. Tentou a carreira de escritor, de funcionário público, de coletor de impostos, e em todas elas esbarrou em problemas. Foi preso algumas vezes por irregularidades nas contas e por dívidas, em uma Espanha em crise, envolta em guerras caras e problemas econômicos.

Entre fracassos e frustrações, porém, nasciam as sementes de uma obra que mudaria a literatura.

O nascimento de um escritor entre o teatro e a prosa

Antes de Dom Quixote, Cervantes foi, sobretudo, dramaturgo. Ambicionava o palco, competindo com nomes como Lope de Vega, o grande gigante do teatro espanhol do século de ouro. Escreveu diversas peças, das quais poucas nos chegaram. E, apesar de algum reconhecimento, não alcançou o sucesso que desejava.

Paralelamente, começou a explorar a prosa. Em 1585, publicou A Galateia, um romance pastoril, gênero em voga na época. O livro teve algum prestígio, mas não foi suficiente para garantir estabilidade. Cervantes seguia escrevendo numa espécie de penumbra social, sem posição sólida, sem grande público, sem proteção poderosa.

É nesse caldo de frustração, maturidade tardia, experiência de guerra, cativeiro e burocracia que surge, já no início do século seguinte, a figura de um cavaleiro completamente deslocado de seu tempo. É quase tentador enxergar, por trás da máscara do fidalgo louco, o próprio autor tentando, à sua maneira, encontrar sentido em um mundo que parecia não ter lugar para ele.

Dom Quixote: o livro que reinventou o romance

Em 1605, Cervantes publica a primeira parte de Dom Quixote de La Mancha. Ninguém poderia prever o impacto que aquele volume teria. Oficialmente, tratava-se de uma paródia dos romances de cavalaria, tão populares nos séculos anteriores. O enredo, à primeira vista, é simples: um fidalgo pobre enlouquece de tanto ler esses livros e decide imitar os cavaleiros andantes, saindo pelos campos de La Mancha

em busca de aventuras, acompanhado de um escudeiro camponês, Sancho Pança.



A graça inicial estava no contraste: de um lado, um velho magro, montado em um pangaré cansado, convencido de que enfrenta gigantes, exércitos e castelos encantados; de outro, um homem prático, com os pés firmes na terra, preocupado com comida, sono, dinheiro e recompensas. As peripécias do duo arrancavam risadas: o famoso episódio dos moinhos de vento, que Dom Quixote toma por gigantes; a surra que leva de camponeses; os enganos em estalagens que ele insiste em ver como castelos.

Mas havia ali muito mais do que paródia. Com o avançar da narrativa, Dom Quixote deixa de ser apenas objeto de riso e se torna também objeto de admiração e compaixão. Sua loucura revela, sob outra luz, a mediocridade do mundo real. Ele é ridículo, sim, mas é também grandioso: deseja justiça, quer defender os fracos, sonha com um mundo mais nobre do que aquele que o cerca. A certa altura, o leitor começa a perceber que quem realmente vê pouco não é o fidalgo, mas aqueles que se dizem sensatos.



O romance é também uma obra de múltiplas camadas. Cervantes mistura histórias dentro de histórias, narradores que se contradizem, manuscritos “encontrados”, vozes que se sobrepõem. Esses recursos antecipam, com surpreendente ousadia, técnicas narrativas que só seriam plenamente exploradas séculos depois. Por isso se diz que Dom Quixote inaugura o romance moderno: porque rompe com a linearidade simples e faz da própria narrativa um jogo de espelhos.

Em 1615, dez anos após a primeira parte, Cervantes publica a segunda parte de Dom Quixote. Entre uma e outra, ocorreu um fato curioso: um autor anônimo publicou uma “continuação falsa” das aventuras do cavaleiro, explorando o sucesso do personagem. Cervantes respondeu à altura: na segunda parte oficial, os próprios personagens comentam a existência dessa versão apócrifa, zombando dela. A realidade editorial invade a ficção, e a ficção responde com ironia à realidade. Mais uma vez, Cervantes estava muito à frente de seu tempo.

Entre o riso e o abismo

Dom Quixote é, à superfície, um livro engraçado. Mas, à medida que avançamos, o riso ganha um gosto amargo. A velha figura do cavaleiro se torna cada vez mais trágica. A lucidez de Sancho também se transforma: o escudeiro, convivendo com o delírio de seu amo, passa a ser contaminado por ele, a ponto de governar uma “ilha” em um dos episódios, com sabedoria

surpreendente. Cervantes sugere, assim, que a fronteira entre loucura e sanidade, entre sonho e realidade, é muito mais porosa do que gostamos de admitir.

O romance questiona as ilusões da nobreza, as hipocrisias da Igreja, as injustiças sociais, a rigidez das convenções. Não com panfletos, mas com histórias, diálogos, mal-entendidos e viradas narrativas. Alguns críticos veem em Dom Quixote uma crítica à Espanha imperial decadente, que se agarrava a glórias passadas enquanto afundava em crises econômicas e morais.

Há, ainda, uma dimensão profundamente humana. Dom Quixote, por mais louco que seja, recusa-se a aceitar o mundo tal como é. Ele insiste em enxergá-lo como deveria ser. O mundo zomba dele, o espanca, o derruba. Ainda assim, ele se levanta, limpa a poeira e continua. Essa insistência obstinada em viver conforme um ideal, mesmo fora do tempo, ressoa até hoje em qualquer leitor que já tenha sentido que não cabe inteiramente no mundo em que vive.

Cervantes, por trás do pano

Enquanto Dom Quixote ganhava leitores, Cervantes não se tornou rico. Viu seu livro circular, ser adaptado, comentado, mas não teve a consagração material que corresponderia, hoje, a um best-seller mundial. Continuou escrevendo até o fim da vida.

Publicou as Novelas Exemplares, uma coleção de contos que revela outra faceta de seu talento: a capacidade de narrar histórias curtas, com intrigas bem construídas, crítica social e variedade de tons. Nelas, vemos o Cervantes observador agudo da psicologia humana, atento à vida urbana, às paixões, às fraquezas e virtudes anônimas.



Escreveu também O Engenhoso Cavaleiro Dom Quixote de La Mancha (a segunda parte), O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de La Mancha (a primeira), o romance Persiles e Sigismunda, além de peças teatrais que tentavam, ainda, buscar um espaço no palco espanhol.

Em 1616, pouco antes de morrer, Cervantes escreveu um prólogo emocionado em que se despede simbolicamente do público, consciente de que sua vida se aproximava do fim. Morreu em Madrid, em 22 de abril daquele ano, em relativa modéstia. O mundo ainda levaria tempo para medir o tamanho real do que ele havia feito.

Do homem ao mito: a consagração póstuma



Hoje, Cervantes é um pilar da literatura ocidental. Dom Quixote está entre os livros

mais traduzidos do mundo, ao lado da Bíblia e de Shakespeare. Sua influência atravessa séculos: aparece em Dostoiévski, em Flaubert, em Kafka, em Borges, em Machado de Assis, em Guimarães Rosa. Todo romance que explora a complexidade da consciência, a fragilidade do sujeito, o atrito entre sonho e realidade é, em algum grau, herdeiro de Cervantes.

A figura do cavaleiro magro, de armadura incompleta, montado em um cavalo esquelético, enfrentando moinhos achando que são gigantes, virou símbolo global de idealismo ingênuo, de coragem deslocada, mas também de dignidade em meio ao absurdo. “Ser quixotesco” entrou nas línguas como expressão. Poucos personagens alcançaram essa condição.

Cervantes, o homem, com seus fracassos, prisões, pobreza e doenças, parecia destinado ao esquecimento. Cervantes, o escritor, virou sinônimo de ressurreição pela arte. Sua vida, vista à distância, parece provar uma verdade irônica: às vezes, é justamente da derrota social que nasce a vitória literária.



Por que Cervantes ainda importa

Em um mundo saturado de imagens rápidas, respostas fáceis e narrativas rasas, voltar a Miguel de Cervantes é um exercício de profundidade.

- Ele nos lembra que:
- a literatura pode ser engraçada e, ao mesmo tempo, devastadora;
 - os sonhos humanos são ridículos na aparência, mas sagrados na essência;
 - o choque entre ideal e realidade é uma das experiências centrais da vida;
 - grandes obras podem nascer de existências marcadas por fracasso e dor.

Quando abrimos Dom Quixote hoje, não lemos apenas um clássico distante. Lemos um espelho cômico e trágico de nossas próprias ilusões, dos nossos próprios moinhos, dos gigantes que inventamos e tememos, e da necessidade teimosa de seguir adiante mesmo quando o mundo inteiro nos diz que não faz sentido.

Miguel de Cervantes não foi apenas o criador de um personagem inesquecível. Foi o escritor que ensinou o mundo a rir de si mesmo sem deixar de se levar a sério. O homem que, a partir da margem da sociedade, construiu um dos centros da literatura universal.

Na figura torta e luminosa de Dom Quixote, ele nos deixou uma pergunta que atravessa os séculos: é melhor ver o mundo como ele é, ou como ele deveria ser? Talvez a resposta esteja justamente no caminho entre um e outro. E é nesse caminho, feito de quedas, golpes, delírios e epifânias, que Cervantes continua caminhando ao lado de cada leitor.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA “usando ChatGPT 5.2, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 29/01/2026”

Linhas Cruzadas: Agora Inês é Eterna



Por Aline Abreu Santana
COLUNISTA

Embaixadora da Divine Académie Française des Arts Lettres et Culture. Doutora Honoris Causa pela Academia Mundial de Letras e Empreendedorismo, Professora de Português e Literatura e atua como palestrante internacional e pesquisadora em educação e tecnologias educacionais.

@prof.alineabreu

São Paulo nunca dorme, mas naquela parte da cidade o silêncio parecia mais caro que o ar. O condomínio de Pedro se erguia como uma fortaleza de vidro e concreto, com guaritas, câmeras e seguranças que chamavam os moradores de “senhor”. A vista do 18º andar alcançava os topos dos prédios da Avenida Paulista, um mar de janelas acesas onde cada luz escondia uma história, e a dele, em especial, se tornaria uma tragédia moderna.

Pedro cresceu entre aulas particulares, viagens de intercâmbio e jantares onde o barulho dos talheres abafava qualquer conversa verdadeira. Era o tipo de rapaz que parecia ter tudo, menos espaço para escolher o próprio caminho. O pai, empresário do setor imobiliário, tinha planos para ele: um MBA no exterior, casamento com a filha de um sócio, e o futuro herdado como um contrato irrevogável.

Mas o que o destino tem de inevitável, a curiosidade humana tem de teimosa. Num sábado de abril, Pedro decidiu contrariar a agenda familiar e se inscrever como voluntário num projeto social de reforço escolar na Vila Mariana. Queria “fazer algo real”, dizia, talvez tentando provar a si mesmo que era mais que um sobrenome.

Foi ali, numa sala quente de colégio público, com carteiras riscadas e ventiladores barulhentos, que ele a viu pela primeira vez. Inês.

Ela usava uma blusa simples, o cabelo preso em um coque desalinhado e o olhar que misturava timidez e coragem. Tinha vindo de Itaquera de metrô, depois de ajudar a mãe numa faxina. Pedro falava de equações de segundo grau, mas ela prestava atenção no modo como ele movia as mãos, como se desenhasse o raciocínio no ar.

— Você explica bem, professor — disse, com um meio sorriso, enquanto guardava o caderno.

— E você entende rápido demais — respondeu, tentando esconder o rubor.

Foi ali, entre risadas e fórmulas rabiscadas, que começou o que nunca deveria ter começado (aos olhos de alguns). Nos dias seguintes, Pedro passou a esperar o intervalo das aulas só para ver Inês entrar na sala. Oferecia café, ela recusava; depois aceitava. Falavam sobre livros, sobre a vida, sobre tudo o que parecia impossível.

O primeiro beijo aconteceu numa tarde chuvosa, no ponto de ônibus em frente ao colégio. O som da chuva disfarçava a pressa e o medo. Foi breve, mas intenso o suficiente para transformar o que era curiosidade em promessa.

Durante semanas, viveram como quem pisa em terreno proibido. Ela não queria se meter em problemas. Ele dizia que não ligava para o que o pai pensasse. Mas a cidade sempre tem ouvidos, e um condomínio de luxo ouve melhor que os outros.

A mãe de Pedro foi a primeira a descobrir, viu uma foto dos dois no celular do filho, tirada num parque, o sol refletindo nos cabelos dela. “Quem é essa menina?”, perguntou, tentando parecer calma. Quando ele respondeu, veio o silêncio que precede a tempestade.

Naquela mesma noite, o pai o chamou para

prolongar o instante sabendo que ele tem hora para acabar e nada de guarda-chuvas, jovens não precisam disso.

— Se a gente fosse de outro tempo, dava certo — disse ela, a voz baixa, quase engolida pelo barulho dos carros.

— Ou de outro lugar — respondeu ele, olhando o reflexo das luzes dançando sobre o rio.

Ela riu, mas era um riso triste, daqueles que tentam disfarçar o pressentimento do fim. E o fim veio, mais rápido do que qualquer um deles poderia imaginar.

Primeiro, foi uma tosse. Depois, febre. Em

pensava Pedro, “que exista em pixels e memória.”

A página começou a crescer. Seguidores comentavam, emocionados, dizendo que era “a história de amor mais linda da internet”. Ele lia, em silêncio, consciente da ironia. Aquilo era lindo demais para ser verdade, justamente porque era mentira.

Ainda assim, continuava. Passava horas ajustando luzes, cores, texturas. Queria que as imagens parecessem reais, que ela existisse um pouco mais a cada clique. E, de algum modo estranho, existia. Cada postagem era como uma oração; cada curta, um sopro de vida

conserto. Mas diante daquela luz azulada que banhava o rosto de Inês recriada, compreendeu outro sentido. Inês era morta, sim, mas agora também era eterna.

Os algoritmos alimentavam as lembranças, os traços do rosto dela ganhavam nitidez, a pele adquiria brilho, e a cada renderização parecia que um sopro de vida passava pela tela. A IA não apenas simulava o impossível, dava forma ao amor que o tempo e o preconceito tinham sepultado.

Pedro passava horas ajustando sombras, refazendo sorrisos, suavizando tons. Às vezes, parava e apenas olhava para a imagem estática dela, tentando lembrar se aquele sorriso realmente existira ou se ele o inventara. A fronte delicada, o olhar calmo, o leve movimento dos lábios... Tudo parecia mais real do que o mundo fora dela.

No fundo, ele sabia: não podia trazê-la de volta. Mas podia, à sua maneira, desobedecer à morte. E assim o fez — transformou Inês em rainha. Não de Portugal, como o outro Pedro de séculos atrás, mas de um reino digital, habitado por memórias, onde o amor, mesmo tardio, não precisava pedir licença para existir.

As publicações ganhavam força, atravessavam as timelines, viravam histórias compartilhadas. Gente que ele nunca conhecera escrevia: “Esse amor é eterno.” “Que lindo seria se fosse verdade.” Ele lia e deixava estar. O que era real, afinal? O corpo frio ou a lembrança quente? A ausência física ou o brilho da imagem no monitor?

Na última postagem, ele escreveu como quem reza:

“Para quem disse que acabou, digo o contrário: aqui, Inês vive. E eu também, cada vez que a vejo sorrir.”

Quando fechou o notebook, o apartamento ficou em silêncio. Apenas o som da chuva nas janelas lembrava que o mundo ainda girava. Pedro encostou-se na cadeira e, por um instante, teve a estranha sensação de que ela estava ali, observando-o, calma, como se o perdoasse por não ter conseguido salvá-la.

Sentiu, por um instante, o que D. Pedro talvez também sentira séculos antes — que a morte não apaga o amor, apenas o transforma em mito. Inês nunca seria apenas morta. Seria, para sempre, lembrada.

Conexão com “Os Lusíadas”, de Luís de Camões (Canto III) e o mito de Inês de Castro

Este texto estabelece uma ponte entre o amor trágico de D. Pedro e Inês de Castro, imortalizado por Camões no Canto III de Os Lusíadas, e um romance contemporâneo atravessado pelos mesmos temas: o amor proibido, a perda e a tentativa de eternizar o que foi destruído pela sociedade. Assim como o infante D. Pedro desafiou a razão e a morte ao coroar Inês após o assassinato da amada, o jovem da crônica também transforma sua Inês em “rainha”, não de Portugal, mas de um reino virtual, recriado pela inteligência artificial.

A expressão popular “Agora Inês é morta”, que simboliza o fim e a irreversibilidade da perda, ganha novo sentido no universo digital: a morte deixa de ser ausência total e se converte em presença reconfigurada, sustentada por memória e tecnologia. A crônica, portanto, revisita o mito camoniano sob a ótica da era digital, mostrando que, em qualquer tempo, o amor que desobedece continua a buscar formas de existir, seja nos versos, seja nos pixels.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/02/2026”

conversar no escritório. A voz firme, o olhar de desdém:

— Você acha que pode jogar fora tudo o que tem por causa de uma empregadinha?

Pedro se levantou, sem saber se era raiva ou vergonha o que sentia. Não respondeu. Mas soube, desde então, que amar Inês seria resistir, e resistir, naquele mundo, custava caro.

Naquela noite, São Paulo parecia menos cidade e mais lembrança de algo esquecido. Chovia sem pressa. A água descia pelas calçadas da Avenida Paulista e, atrás do Masp, uma pequena enchente se formava — discreta, quase poética — como se o antigo rio Saracura tentasse, mais uma vez, reaparecer sob o concreto. Ali, onde o rio dorme invisível sob o asfalto da Rua Garcia Fernandes e das vielas da Bela Vista, a cidade parecia respirar pelo subsolo.

O reflexo das luzes dos prédios tremia na água acumulada, como se o passado piscasse por entre os vidros espelhados. O vento trazia o cheiro metálico da chuva misturado à fuligem, e por um instante, parecia possível ouvir o murmúrio dos rios que ainda correm sob São Paulo — o Saracura, o Pinheiros, o Tietê — todos aprisionados, mas vivos, insistindo em existir.

Pedro gostava dessas noites: nelas, a cidade se despia de sua pressa. E naquela noite em particular, o cenário parecia feito para eles, ele e Inês, dois invisíveis tentando se ver em meio a um mundo que fingia não enxergar.

Os jovens caminhavam devagar pela beira d’água, os dedos entrelaçados, como quem tenta

poucos dias, Inês estava internada no hospital público da Vila Clementino. Pedro quis visitá-la, mas o pai descobriu as mensagens e mandou cortar o mal pela raiz. “Você vai se destruir por causa de uma menina que não é do seu mundo?”, gritou. Tomou o celular do filho, trocou o número e ordenou silêncio.

Enquanto Pedro vivia preso em casa, ela lutava pela vida, sem saber que ele ainda tentava achá-la em vão. A pneumonia venceu como um ladrão discreto, sem aviso, sem tempo para despedidas. Ele só soube dias depois, por uma mensagem de um amigo: “Cara, sinto muito. A Inês se foi.”

O resto foi o vazio.

Durante semanas, Pedro vagou pelos corredores do apartamento, evitando os espelhos, como se eles refletissem a culpa. Os livros, os cadernos, até o cheiro do perfume dela em uma blusa esquecida na mochila do rapaz, tudo parecia zombar dele. Até que, numa madrugada de insônia, abriu o computador e teve a ideia: recriar o que não pôde viver.

Chamou o projeto de “Rainha Inês”. Criou uma conta nas redes sociais e alimentou-a com imagens geradas por inteligência artificial. Na tela, Inês sorria como se o tempo não tivesse sido cruel: aparecia ao lado dele em uma formatura imaginária, vestida de branco em uma praia que nunca visitaram, de mãos dadas em frente a uma casa simples, que nunca construíram.

Cada foto era uma hipótese, uma vida possível. Um ato de devoção.

“Se o amor não pôde existir em carne e osso”,

emprestada à sua rainha digital.

E quando a madrugada caía sobre a cidade, só o brilho frio da tela o acompanhava, um trono luminoso para uma Inês que, mesmo morta, reinava sobre ele.

Uma noite, enquanto ajustava os últimos detalhes de uma imagem em que Inês sorria em frente à universidade onde nunca estudou, Pedro ouviu, ao fundo, a voz da mãe ecoando pelo corredor.

— Filho, não é hora de dormir?

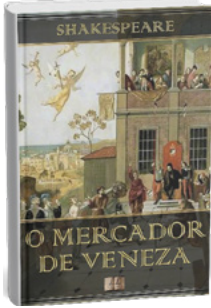
— Ainda não, mãe — respondeu sem desviar os olhos da tela. — Estou terminando de coroar a Inês.

A frase escapou antes que ele pudesse pensar. Soou estranha até para si mesmo, mas verdadeira. Sorriu, cansado, um sorriso breve que logo se perdeu no reflexo da tela. Um arrepio percorreu-lhe a pele, e o ditado que ouvira desde pequeno voltou à mente, pesado e inevitável: “Agora Inês é morta.”



Durante anos, ele achara que era apenas uma expressão sobre perda, uma forma de aceitar o irremediável, de pôr fim ao que não tem mais

Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



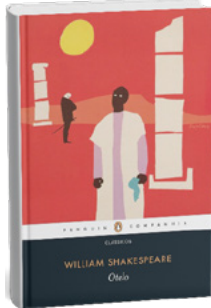
"O Mercador de Veneza"

O mercador de Veneza é uma das obras mais polêmicas de William Shakespeare. Aborda o choque entre diferentes culturas, tema tão presente hoje como na Inglaterra do século XVI. Tradicionalmente classificada como comédia, apresenta elementos típicos do romantismo.

FAZER DOWNLOAD



Indicação de leitura | Siga o Canal no Whatsapp, acesse o Link e Baixe no Canal do telegram



"Otelô"

Em Veneza, Otelô, um general mouro a serviço do Estado, conquista Desdêmona, uma jovem, filha de um nobre local. Após enfrentar a ira do pai e defender-se com sucesso contra a acusação de tê-la "enfeitiçado", ele parte a Chipre em companhia da esposa para combater o inimigo turco?otomano. Lá, seu alferes, o manipulador Iago, consegue paulatinamente instilar na mente do mouro a suspeita de que Desdêmona o traiu. Otelô é a tragédia em que Shakespeare estudou os mecanismos da imaginação, da paixão e do ciúme. Em nova tradução de Lawrence Flores Pereira, que recria a linguagem grandiosa de Otelô e a prosa nefasta de Iago, esta nova edição é acompanhada de uma longa introdução e notas contextuais do tradutor, bem como de um ensaio de W. H. Auden.

FAZER DOWNLOAD



EXPEDIENTE

Entre palavras, cores e ideias, The Bard News constrói pontes entre leitores, autores, artistas e o mundo. Aqui, cada edição é feita com paixão, escuta e a certeza de que a cultura transforma.

Edição: Vol 2 Jornal Nº 6 - Fevereiro/2026

Direção Geral: J.B Wolf

Editor-Chefe: J.B Wolf

Conselho Editorial: [Lista de membros]

Redação: [Redatores, jornalistas, estagiários]

Coordenação de Arte e Design:

Agência The Wolf Bard

Suporte Técnico: [TI e Web]

Contato: redacao@thebardnews.com |

Instagram: @thebardnews

Endereço: Águas Claras, Brasília - DF

Colaboradores: [Convidados]

Contato para publicações: participe@thebardnews.com

Colunistas fixos: [colunistas especiais]

J.B Wolf

Mariana Pacheco

Drika Gomes

Beth Baltar

Jeanne Tertuliano

Aline A. Santana

Renata Munhoz

Claudia Faggi

Magna Aspásia

Stella Gaspar

Clayton Zocarato

ANUNCIE:

- Publicidade no Site
- Publicidade no Modelo Impresso em PDF interativo
- Classificados
- Vitrine The Bard

CONTATO/WHATSAPP:
(61) 9 8474-7033



"O The Bard News é um convite aberto. Envie seu texto, arte ou sugestão e faça parte deste movimento."

LITERATURA

CRÔNICAS

Beethoven não precisa de black tie



POR
Neri Luiz Cappellari



Todos os dias, ele puxa o seu carrinho recolhendo o lixo. Como ele, existem vários coletores de sucata e de outros dejetos. Todos seguem a mesma rotina. A mesma sina de juntar as sobras dos que têm muito e ver através do descarte as suas chances de sobreviver. Entretanto, um deles chamou a atenção. Seu nome não sei, se tem um sobrenome deve ter se perdido entre as sobras de comida achadas no dia a dia. Porém, quando ele surge, ao longe, todos sabemos da sua aproximação. Uma pequena caixa de som, provavelmente recolhida em um canto qualquer, demonstra o seu refinado gosto musical. As músicas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da Música Popular Brasileira (MPB) são sua marca. Suas melodias o tornam visível, instiga a nossa imaginação e nos faz pensar. Qual é a sua história? O que o levou a deambular pelas ruas?

Existem dezenas de catadores de lixo perambulando pelas cidades todos os dias. Nós já nos acostumamos com sua invisibilidade. Eles percorrem as ruas e é como se habitassem em um planeta diferente do nosso. Nossas histórias se cruzam, mas não se tocam. Nossos olhares se desencontram. Nossas vidas seguem rumos diferentes. Embora passemos

pelas mesmas calçadas, pelas mesmas ruas, suas pegadas são imperceptíveis ao nosso olhar. Sua dor não nos atinge, seu cheiro nos afasta, sua aparência triste não toca o nosso coração. Entretanto, há uma música linda do mais insólito lugar, e soa estranhamente em nossos ouvidos. É como se aquele clássico de Beethoven nos incomodasse. Não pela melodia que soa dentro de nós, mas como Beethoven chegou a esse carrinho de lixo? Por que este mendigo chama tanto a nossa atenção? Para quem tem um ouvido privilegiado, é perfeitamente possível ouvir os belos clássicos de Beethoven, Bach e as músicas do MPB. Para esse homem, sobre quem todas as carências parecem recair, não há limites. Seus ouvidos não conhecem as barreiras erguidas pelos eruditos.

Se, por um lado, estamos acostumados a ouvir os clássicos em um belo teatro, com uma acústica impecável, os homens de black tie, as mulheres trajadas com lindos vestidos, um maestro regendo a orquestra e dezenas de músicos tocando divinamente. Por um outro lado, nos causa estranheza, um clássico vindo sem glamour, sem arautos que anunciam a sua chegada, através de uma caixa de som recolhida em um descarte qualquer.

Um homem pobre passa, todos os dias, desafiando nossas ideias pré-concebidas da elitização de uma música conhecida por poucos. Sua presença desconstrói nossa maneira de pensar, adquirida durante anos, de que uma linda sinfonia é para um público seleto e restrito.

Sim, esse catador de lixo nos mostra que um som que estimula os nossos ouvidos é muito mais do que um alento para o ego de uma classe mais privilegiada.

Sua visibilidade se dá pelo fato de que ele nos faz enxergar, todos os dias, a socialização de melodias como meio de comunicação. As músicas eruditas de Beethoven, Mozart, Nazareth e os clássicos da MPB estão disponíveis para todos ouvir independentemente do lugar de onde nós viemos. Sejamos ricos ou catadores de lixo. A arte veio para resgatar a nossa dignidade como pessoas, alimentar a nossa alma. Esse catador nos mostra antes de tudo, antes mesmo de sua própria história, que não há lugar intransponível.

@neri.cappellari



Miniconto

A Prisão



POETA & ESCRITOR
J.B Wolf

@poetajbwolf

No milionésimo ciclo, o desespero. Na mesa, desdobrei um clipe em agulha. Furei o dorso da mão, um grito mudo. Uma linha vermelha, real. Sangue brotou. Sorri. Então, a marca sumiu. A pele, intacta. O computador apitou: "Fim do expediente".

POEMAS

Recomeço



POETA
Edna Lessa



@ednalessa_escritora

Ao pôr do sol de mais um dia,
o mar se estende em silêncio.
É possível ouvir as ondas que cantam
no gesto imparável de ir e voltar.

Então, meu coração entende:
nada se perde, em tudo se aprende.
Viver é a arte corajosa
de sempre recomeçar.

No céu, o reflexo do mar que acolhe.
Entre o azul profundo
e a fluidez do tempo,
minhas dores encontram abrigo.

E descubro que Deus habita
A paz que se refaz ao entardecer.
Meu olhar se expande no horizonte
e vejo que a vida sabe diminuir o passo
quando é preciso escutar o coração.

POEMAS

Santuário dos Segredos



POETA
J.B Wolf



@poetajbwolf

Intimidade, ó palavra que sussurra baixinho
nos recantos mais sagrados da alma,
és tu quem desvenda véus invisíveis
e revela jardins secretos do coração.

Não és apenas encontro de corpos nus,
mas desnudamento completo da essência,
quando duas almas se reconhecem
na linguagem silenciosa dos olhares.

És o momento sublime em que as máscaras
caem
como folhas de outono ao vento,
revelando a verdade crua e bela
que habita por trás das aparências.

Intimidade verdadeira nasce do tempo,
como vinho que envelhece em adegas escuras,

ganhando sabor e profundidade
através dos anos de confiança mútua.

És tu quem permite que eu seja frágil
sem temer o julgamento alheio,
que transformas vulnerabilidade em força
e solidão em comunhão sagrada.

Nos teus braços invisíveis, encontro
o porto seguro onde posso ancorar
meus medos mais profundos
e meus sonhos mais ousados.

Que sejas bendita, ó intimidade pura,
que ensinas que amar verdadeiramente
é conhecer por completo e ainda assim
escolher permanecer, abraçar, aceitar.

POEMAS

Indagações



POETA
Arclay Soares



@ms_arelly

Mas o que é o amor?
É essa faísca tão efêmera
Que mal se acende em meio
Às cinzas da alma?
É uma dor tão profunda
Que do peito escorre e vasa?

Mas o que é o amor?
É essa folha a mercê
Das asas de um vento incerto?
Um canto sutil
Neste vasto deserto?

Mas o que é o amor?
É uma onda perdida
Em busca de um mar que a abriga?
É o barco sob a luz do solitário luar?
Vagando sem rumo certo no olhar?

Mas o que é o amor?
É uma rosa que reluta
A se abrir, e se desfaz em pó?
É um porto alto
Onde não se permite partir só?

Mas o que é o amor?
É um pouco de tudo?
É Um eco distante?
É batida incessante?
É um ponto na solidão?
Nunca, nunca
É quase nada no coração.

POEMAS

Máquina Mágica



POETA
Beatriz F. Santos



@biiabfsantos

A era do digital, nem toda ela é fácil...
Mas... sim, eu sei! É facilitadora...
e não o será demais?
É facilitadora para quem trabalha e
para quem estuda.
Os estudantes não a usavam, investigavam!
Agora, usam-na e abusam,
sem serem racionais.

Procuravam, registavam, apontavam para si,
Pequenos conceitos, frases importantes,
autores deveras...
Enfim! E o que fazem, agora,
os miúdos? Procuram?
Andam atrás de livros?
Que importância ainda tem o físico?

O que fazemos nós? O que andamos a fazer?
Para nós, que ainda aprendemos naturalmente,
É diferente – é claro que o é!
Viamo-nos crescer.
Para os miúdos, que aprendem com a
facilitadora máquina mágica
A que faz tudo, que procura por eles,
que faz por eles, que reescreve
Que tudo por eles!
A era digital – o quanto de coisas boas,
que as têm, tem e terá coisas más.
E espero que tudo não passe
de uma história trágica...
Este é um poema,
é só um pedaço do que sai por aí,
do que é fugaz..



Participe e Publique a sua Arte

CLIQUE AQUI!

REVISTA THE BARD®

Revista Atual lançada - 35ª edição Janeiro e Fevereiro



MEMÓRIA: "A memória imaterial popular passada pelas festividades ao longo do tempo."

Clique aqui para acessar

Em Processo Editorial - 36ª edição Março e abril 2026 Lançamento dia 08 de Março



UMA VIAGEM NOS TEMPOS: "A expressão de Chronos, Kairos e Aion no Espírito Humano".

Clique aqui para acessar

Editais Abertos - 37ª edição Maio e Junho 2026 Término dia 31 de Março



DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS:
"O Papel da Tipografia na Democratização da Informação no Brasil"

Clique aqui para acessar

Site da Revista The Bard

Clique aqui para acessar

Editais Abertos

Clique aqui para acessar

Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Instagram

Clique aqui para acessar

Canal no Whatsapp

Clique aqui para acessar

ARTE

As Coleções de Obras Asiáticas em Paris
Como a França Concentrou 60 Mil Tesouros Asiáticos Longe de Casa



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduiche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp

Ao visitar Paris, além das obras do famoso museu do Louvre, se pode encontrar a coleção mais abrangente de arte asiática do mundo, além de ser a maior da Europa, com aproximadamente mais de 60 mil objetos, nas instalações do Museu Guimet, localizado na Place d'Iéna.



A constituição de tal acervo se deu, primeiramente, pela coleção particular de Emile Guimet – que dá nome ao museu –, empresário da produção industrial do azul marino artificial, no século XIX. Depois, expandiu para abraçar a coleção de porcelana chinesa de Ernest Grandidier, outro industrial provindo de uma família rica, que lhe permitiu realizar viagens pelas Américas do Norte e Sul e, posteriormente, Ásia. Outro espaço que chama a atenção é o museu Cernuschi, localizado na antiga mansão do banqueiro italiano Henri Cernuschi, com cerca de 13 mil peças.

Todas as coleções mencionadas, antes particulares, se compõem de objetos providos do Japão, da China, da Coreia (ainda unificada), do Vietnã, Himalaias, Camboja, Tailândia e Indonésia. A maioria dos artefatos foi trazida para a França na segunda metade do século XIX, após a abertura dos portos chineses e dos outros países asiáticos para do Ocidente – alguns já sendo colônias da França e Inglaterra, como Camboja, Vietnã e Laos.



Esta região foi conhecida durante o período colonial (1887-1954) como Indochina Francesa, e além da exploração de matérias-primas da região, a França também se apropriou de artefatos históricos locais, durante saques e pilhagens de tropas coloniais nos territórios.

E, especificamente no caso da China, o enfraquecimento econômico causado após as Guerras do Ópio (1839-1842 e 1856-1860), em que o país asiático enfrentou Inglaterra e França, facilitou a compra e remoção de artefatos históricos e arqueológicos pelas potências ocidentais do território chinês, por meio de expedições militares e diplomáticas realizadas por países europeus, inclusive a França.



Em exemplo extremo, temos o Saque do Palácio de Verão, em 1860, onde o complexo palaciano imperial chinês foi invadido por tropas inglesas e francesas, em retaliação pela captura de negociantes britânicos. O ocorrido resultou em roubo e perda de relíquias culturais e obras de arte importantes, que foram levadas para a Europa e exibidas pela França como espólio na época. O autor Victor Hugo condenou o ocorrido, comparando como a destruição e desaparecimento de um modelo de sonho.

Como os artefatos históricos foram adquiridos por magnatas de seu século não está contado nas placas de identificação de cada peça ou na história dos museus em seus portais online. Entretanto, ao adentrarmos nestes espaços, tão repletos de obras, cerâmicas, têxteis, estátuas e joias, temos tanto um sentimento de admiração pela riqueza histórica, quanto um mal-estar em pensar o porquê destas obras estarem tão longe



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/01/2026”

de casa – algumas porcelanas chinesas nem a China possui mais, mas estão em museus europeus. É um dilema aos visitantes.



Por este motivo, constantemente se abre o debate sobre a devolução de peças arqueológicas por países europeus, inclusive a França, para o acervo nacional dos locais originais, com fala do atual presidente Emmanuel Macron. No caso das artes asiáticas, o país europeu se volta para a devolução de artefatos para o Museu Nacional

do Camboja. E também há uma promessa de investimento milionário para rastrear a procedência de objetos do período colonial.



Como Victor Hugo esperamos o dia em que a França devolva essa pilhagem aos seus donos de verdade, para que a história e cultura asiáticas possam ser contadas e revividas em seus próprios museus, e não tão longe de casa.

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

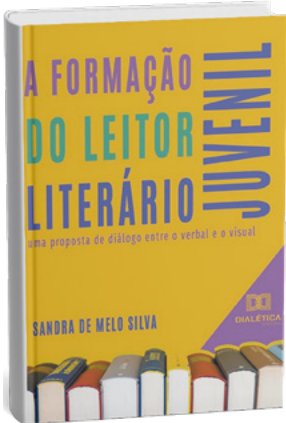
O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

ACESSE AQUI

Indicação de leitura



"A Formação Do Leitor Literário Juvenil:

Uma Proposta De Diálogo Entre O Verbal e o Visual

Este livro propõe uma reflexão sobre alternativas de conteúdos e procedimentos para a formação do leitor literário juvenil, por meio do diálogo entre o texto verbal e o visual. O objetivo de tal proposta é contribuir para uma interação dos estudantes diante da leitura literária e do texto não verbal. Para viabilizar a proposta, optamos por textos que dialogam entre si, um conto e um curta-metragem. O estudo empreendido aqui e a nossa trajetória, enquanto docentes, têm mostrado que esta formação é cada vez mais necessária em todos os níveis do ensino básico, uma vez que auxilia no desenvolvimento humano e cognitivo dos sujeitos.

Indicação de leitura



"Literatura Juvenil:

Adolescência, cultura e formação de leitores

Esse livro se propõe a lançar um olhar as atuais praticas de leitura e as publicações literárias voltadas aos jovens, além de iniciar um debate sobre o que e ser adolescente hoje, definir o que e um bom livro juvenil e, ainda, trazer sugestões de atividades e leituras complementares.

ARTE

Expressão do Amor e do Desejo em Diversas Criações Artísticas

Como Grandes Mestres Traduziram os Sentimentos Mais Profundos da Humanidade



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

Acredito que a maioria dos leitores(as) entende os sentimentos do amor e do desejo como temas universais e atemporais, como sentimentos nobres e lindos. Por isso, entendemos como os filósofos atenienses que todos nós carregamos o desejo por algo que não temos. E não há nada melhor do que o desejo de aprender o que ainda não se conhece. E a esse desejo também chamamos amor. Com as comédias românticas e os contos de fadas, aprendemos que a vida só faz sentido se acompanhada.



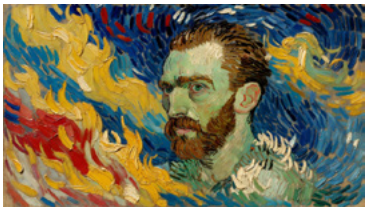
Como o amor e o desejo aparecem em diferentes obras de artes?

Os artistas usam uma gama de técnicas, simbolismos e narrativas para explorar as muitas facetas desses sentimentos, que vão desde o amor platônico até o amor romântico. Penso que o

objetivo das obras voltadas para o amor e o desejo seja descortinar as nossas impressões.

Nas artes, o amor e o desejo aparecem como uma forma de os artistas revelarem seus sentimentos mais puros e profundos, ou seja: a arte como uma expressão da alma.

Conforme Van Gogh, o amor era visto como uma força poderosa e transformadora, essencial para a vida e a arte, descrevendo-o como uma chama que aquece, uma calma que traz paz, e algo que liberta o espírito. Ele reconhecia que o amor se manifestava de diferentes maneiras, sendo às vezes leve como uma brisa, outras vezes denso como a chuva.



Portanto, o objetivo desse artigo jornalístico é descortinar a construção do amor e do desejo em envolventes produções, onde ambos podem ser inebriantes, com um “amor em paixões” colorindo o nosso imaginário.

Manifestações artísticas.

“A arte não reproduz o que vemos. Ela faz-nos ver.” — Paul Klee

O amor pode se manifestar por meio da capacidade de sentir a vida, de sonhar, de apreciar a arte, a música, o silêncio, a natureza, pois ele nos coloca em contato com o que existe de melhor na essência humana. A manifestação do desejo, frequentemente associada a conceitos como a “Lei da Atração”, é um processo que envolve o uso da mente, dos pensamentos e das emoções para atrair os resultados desejados na realidade.

Assim, destacamos artistas que conseguiram traduzir o amor e o desejo em obras de arte absolutamente perfeitas. As obras apresentam diversas linguagens, como na pintura, escultura, literatura, no cinema, utilizando-se de símbolos visuais, cores e formas que evocam paixão e conexão humana.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/01/2026”

O beijo é uma das maiores expressões de amor que o ser humano conhece. Um casal, coberto pelo dourado manto do amor, define assim o sentimento no quadro O Beijo que Gustav Klimt pintou entre 1907 e 1908.



Rembrandt descreveu perfeitamente o amor de um pai por seu filho, pintando o quadro O retorno do filho pródigo. A cena evoca o momento em que um pai recebe de volta seu filho que estava perdido, segundo a Parábola do Filho Pródigo, contada por Jesus Cristo na Bíblia.

O Beijo do Hotel de Ville é talvez a mais famosa fotografia de um beijo que existe e uma

das fotos mais vendidas de todos os tempos. Na cidade do amor, Paris, Robert Doisneau capturou a essência do amor: o tempo que parece parar quando se beija a pessoa amada.



O amor é cumplicidade, carinho e amizade nesta obra do americano John Singer Sargent, onde mãe e filha protagonizam a cena. A obra 'Srª Fiske Warren e sua filha Rachel' foi pintada em 1903.

Paixão, movimento e entrega total emanam de uma das mais famosas esculturas de Auguste Rodin, O beijo.

Tirar um cochilo com quem se ama também é amor. E o amor, como os cochilos, pode acontecer em qualquer lugar. Van Gogh pintou Siesta para provar isso mesmo.

Vênus, deusa do amor, nasceu assim, segundo Botticelli, em O nascimento de Vênus. Ao pintar o amor encarnado, o ideal de perfeição, ele traduz, talvez, a nossa esperança de que o amor seja perfeito?

O bom e belo da arteé que ela permite a expressão de sentimentos que são difíceis de verbalizar, oferecendo um meio para os artistas e o público explorarem a profundidade e a complexidade do amor e do desejo.

Por fim, mergulhei com leveza nesse apaixonante tema, sem a pretensão de o esgotar. Tecemos construtos como tecelãs que trançam diferentes fios, nos dois relevantes e profundos sentimentos “Amor” e “Desejo”, inclusos no mundo das diversas linguagens artísticas.

O Pincel Fantasma:

A Inteligência Artificial está Redefinindo o Conceito de Autoria na Arte?

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

Nos corredores silenciosos da história da arte, a figura do autor sempre foi um pilar. A mão que guia o pincel, o olho que compõe a cena, a mente que concebe a forma. Essa certeza, no entanto, começa a se dissolver diante de telas que brilham com uma luz nova e desconcertante, a luz dos algoritmos. Obras de complexidade e beleza estonteantes, que evocam estilos de mestres mortos ou criam paisagens oníricas nunca antes imaginadas, surgem a partir de algumas linhas de texto digitadas em um computador. A ascensão da inteligência artificial generativa no campo das artes visuais e da literatura não é apenas uma nova revolução tecnológica, como foi a fotografia ou a arte digital. É uma crise de identidade filosófica que nos obriga a perguntar: quando uma máquina cria, quem é o verdadeiro artista? A resposta a essa pergunta reverbera por ateliês, galerias, escritórios de advocacia e casas de leilão, redesenhando as fronteiras do que entendemos por criatividade, originalidade e valor.

Colaboração ou Substituição: A Nova Fronteira Criativa

Para uma parcela crescente de artistas, a inteligência artificial não representa uma ameaça, mas sim a mais nova e poderosa ferramenta

em seu arsenal criativo. Eles a utilizam como um parceiro de experimentação, um assistente incansável capaz de gerar centenas de variações de uma ideia em minutos, algo que levaria meses de trabalho manual. Nesse modelo, o artista atua como um curador ou diretor, guiando o sistema com comandos de texto, os chamados prompts, refinando os resultados e combinando elementos para alcançar sua visão. A IA funciona como um expensor de possibilidades, um catalisador que permite explorar territórios estéticos antes inacessíveis. A questão que se impõe, no entanto, é a da agência. Se o artista apenas descreve o que deseja e a máquina executa a totalidade da composição, da pincelada e da paleta de cores, onde reside o ato criativo? A discussão se move do domínio técnico para o conceitual. A arte estaria na ideia inicial, na capacidade de formular o comando perfeito, ou na execução final, que aqui é totalmente automatizada? Artistas que defendem essa colaboração argumentam que o processo não é diferente de um diretor de cinema que coordena uma equipe ou de um arquiteto que projeta, mas não assenta os tijolos. Outros, mais céticos, veem um perigoso caminho para a terceirização da própria alma da arte: a habilidade, a prática e a marca intransferível do toque humano.

A Crise da Originalidade e o Dilema da Propriedade Intelectual

A questão da autoria se torna ainda mais espinhosa quando adentramos os campos da filosofia e do direito. Tradicionalmente, uma obra é considerada original por ser um reflexo da expressão única de seu criador. A inteligência

artificial, contudo, não cria a partir do vácuo. Ela é treinada com vastos bancos de dados contendo milhões de imagens e textos produzidos por seres humanos ao longo de séculos. Sua "criatividade" é, em essência, uma complexa recombinação de padrões que ela aprendeu a partir de obras preexistentes. Isso levanta uma dúvida fundamental: uma obra gerada por IA pode, de fato, ser original? Críticos argumentam que se trata de um pastiche sofisticado, uma colagem algorítmica desprovida de intenção ou experiência vivida, elementos considerados essenciais para a arte genuína. Legalmente, o cenário é um caos. As leis de propriedade intelectual, em sua maioria, foram redigidas sob o pressuposto de um autor humano. Nos Estados Unidos, por exemplo, o escritório de direitos autorais tem negado registros para obras totalmente geradas por IA, alegando a falta de autoria humana. Isso cria um limbo jurídico. Quem detém os direitos de uma imagem criada por um algoritmo? O programador que desenvolveu a IA, a empresa dona do software, o usuário que escreveu o comando ou, como alguns argumentam, ninguém, tornando a obra de domínio público? A situação se agrava com a capacidade dos algoritmos de imitar o estilo de artistas específicos, levantando debates acalorados sobre plágio e a proteção do legado estilístico de um criador contra a apropriação maquínica.

O Veredito do Mercado: Entre a Curiosidade e a Desconfiança

Enquanto filósofos e advogados debatem, o mercado de arte reage com uma mistura de

fascínio e ceticismo. Em 2018, a casa de leilões Christie's vendeu a obra "Retrato de Edmond de Belamy", gerada por um algoritmo, por surpreendentes 432.500 dólares, sinalizando um interesse inicial do circuito comercial. Desde então, galerias e feiras de arte começaram a exibir e vender peças criadas com IA, atraindo um novo perfil de colecionador, muitas vezes vindo do setor de tecnologia. A valorização dessas obras, no entanto, ainda é volátil e baseada mais na novidade e na narrativa por trás da criação do que em critérios estéticos consolidados. Curadores e galeristas se veem diante de um novo desafio: como avaliar e precificar uma arte que pode ser gerada em abundância e cuja autoria é ambígua? O valor está na qualidade da imagem final, na complexidade do comando que a gerou ou

na reputação do humano que o escreveu? A desconfiança persiste entre colecionadores mais tradicionais, que ainda valorizam a raridade, a habilidade manual e a conexão direta com a mão do artista. O mercado parece se dividir. De um lado, uma bolha especulativa impulsionada pela curiosidade tecnológica. De outro, uma resistência que reafirma os valores humanistas da arte. O futuro desse segmento dependerá da capacidade de artistas e curadores de estabelecerem critérios claros que justifiquem o valor artístico e comercial dessas novas criações, para além do simples fato de terem sido feitas por um pincel fantasma.

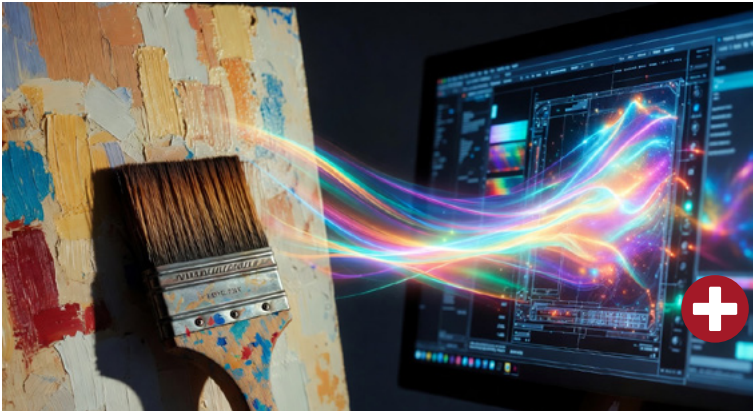
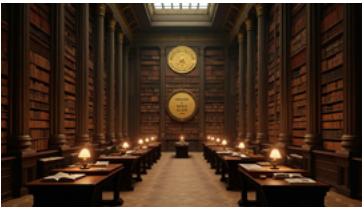


IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 20/01/2026”

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1903 – Bjørnstjerne Bjørnson (Noruega)

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE



“Série: Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura”



Bjørnstjerne Bjørnson: o Nobel que deu voz à consciência da Noruega

Quando a Academia Sueca anunciou, em 1903, que o Prêmio Nobel de Literatura iria para um norueguês de nome difícil para o público estrangeiro, Bjørnstjerne Bjørnson, muita gente fora da Escandinávia se surpreendeu. No entanto, na Noruega, a escolha parecia quase óbvia. Bjørnson já era, há décadas, mais que um escritor: era uma espécie de voz moral da nação, um homem que ajudou a formar a identidade de seu país com poesias, romances, peças de teatro e discursos inflamados.



Se Henrik Ibsen levou para os palcos a crítica psicológica e social que o mundo aprendeu a admirar, Bjørnson foi o outro pilar da literatura norueguesa do século XIX: mais popular, mais direto, mais patriótico, mas não menos comprometido com a verdade e com a justiça. Poeta, dramaturgo, romancista, jornalista, ativista político, ele se tornaria, em 1903, um dos primeiros nomes não centrais da Europa a ser consagrado com o Nobel, numa época em que o prêmio ainda se desenhava como mapa da cultura ocidental.

Para entender por que a Academia Sueca voltou os olhos para ele, é preciso conhecer o homem que, com a mesma pena, escreveu o hino nacional da Noruega e romances que escancaravam o preconceito, a hipocrisia religiosa e a opressão social.

Da paróquia à praça pública

Bjørnstjerne Bjørnson nasceu em 1832, em Kvikne, uma área rural da Noruega, filho de um pastor luterano. A paisagem que o cercava na infância, montanhas, invernos longos, vilarejos isolados, voltaria com força em sua ficção. Ainda jovem, percebeu que seu caminho não seria o púlpito, mas a palavra escrita em outro registro: o da literatura e da imprensa.

Em Cristiania (hoje Oslo), envolveu-se com jornais, críticos, estudantes e agitadores intelectuais. Era uma Noruega em construção: o país vivia em união política com a Suécia e

ainda lutava para afirmar sua própria identidade cultural e política. Bjørnson mergulhou nesse debate com entusiasmo: defendia uma Noruega soberana, democrática, com um povo consciente de seus direitos.

Desde o início, sua literatura esteve ligada à vida nacional. Ele não escrevia apenas para entreter, mas para formar: opinião, caráter, sentimento patriótico. Essa mistura de arte e ação política seria sua marca por toda a vida.

O poeta do povo e da nação

Antes de ser reconhecido internacionalmente, Bjørnson já era uma espécie de herói cultural em casa. Escreveu poemas e canções que se tornaram parte do imaginário norueguês. A mais famosa delas é “Ja, vi elsker dette landet” (“Sim, nós amamos este país”), que mais tarde seria adotada como hino nacional da Noruega.

A letra é um retrato apaixonado da pátria, mas não é cega. Fala das lutas, das dificuldades, da necessidade de coragem e unidade. Bjørnson via a Noruega como um projeto coletivo. Sua poesia patriótica não era apenas exaltação; era também chamado à responsabilidade.

Além da poesia, atuou intensamente no teatro. Escreveu dramas históricos e peças de costumes que lotavam salas e acendiam debates. Era parte do grande movimento de renovação do teatro escandinavo, do qual Ibsen era outro protagonista. Se Ibsen aprofundava conflitos íntimos, Bjørnson trazia para o palco questões sociais, religiosas e políticas com clareza e força.

Os romances que deram rosto ao camponês norueguês

Um dos méritos literários mais evidentes de Bjørnson foi ter levado o camponês norueguês para o centro da literatura. Em vez de se concentrar apenas na elite urbana ou em tramas aristocráticas, ele escreveu histórias que tinham o povo rural como protagonista.

“Os filhos da montanha” (Synnøve Solbakken, 1857), “Arne” (1859) e “A Noiva de Glomdal” (Glomdalsbruden, 1860) são alguns exemplos de romances e novelas em que a paisagem, a fala e o modo de vida dos camponeses aparecem com dignidade e profundidade. Ele não idealiza completamente o campo, mas o retrata como um espaço de conflitos humanos universais: amor, ciúme, honra, culpa, fé, herdades disputadas, tradições opressivas.

Essas obras ajudaram a fixar, na literatura, uma imagem forte da Noruega rural, ao mesmo tempo rústica e lírica. Em um país ainda profundamente agrário no século XIX, isso tinha um valor simbólico imenso. Era como dizer ao povo simples: sua vida também merece virar livro.

O realista engajado: religião, moral e hipocrisia

Com o amadurecimento da carreira, Bjørnson foi se aproximando de um realismo mais direto, mais crítico. Em romances e peças posteriores, enfrentou de frente temas delicados, como a educação rígida, o dogmatismo religioso, o casamento infeliz e, de modo especialmente audacioso para a época, o preconceito racial e social.

Em “O Editor” (Redaktøren, 1874), trata da responsabilidade da imprensa e das relações de poder que atravessam a vida pública. Em “Além das forças humanas” (Over Ævne, 1883), peça em dois volumes, discute o fanatismo religioso, os limites da fé milagrosa e o preço da cegueira espiritual. Em “Mão forte” (En Handske, 1883), coloca em pauta a moral sexual, o duplo padrão aplicado a homens e mulheres e a necessidade de honestidade nas relações.

Mas talvez um dos pontos mais admirados de sua obra, citado inclusive como razão para o Nobel, seja a coragem com que abordou a questão das minorias e dos oprimidos. Ele denunciou o tratamento dado aos judeus em diversos textos, defendendo seus direitos civis e combatendo o antisemitismo, muito antes de isso se tornar pauta dominante na Europa. Em discursos e artigos, foi uma voz clara contra a discriminação étnica e religiosa.

Bjørnson via a literatura como uma espécie de tribuna moral. O escritor, para ele, não podia se contentar em ser um observador neutro. Tinha obrigação de intervir, de tomar partido, de questionar injustiças.

A língua, a identidade e a política

Além de temas sociais, Bjørnson foi figura importante no debate sobre a língua norueguesa. Em uma Noruega que, por séculos, estivera sob forte influência do dinamarquês



IMAGEM GERADA POR IA “usando SEAARTAI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/01/2026”

na escrita, ele defendeu o fortalecimento de uma língua nacional própria, viva, ligada ao povo. Participou de discussões sobre ortografia, gramática, padronização e criação de um idioma literário que não fosse cópia servil de modelos estrangeiros.

Na política, era um liberal convicto. Defendia reformas democráticas, direitos civis, liberdade de expressão, educação ampla. Tornou-se um dos críticos mais contundentes da monarquia absoluta e do poder excessivo de certas instituições. Quando sentia que algo era injusto, não se calava: escrevia, discursava, pressionava.

Isso lhe rendeu tanto admiração quanto inimizades. Mas consolidou sua imagem de “consciência moral” do país. Bjørnson não era neutro, e não queria ser.

O Nobel de 1903: reconhecimento de uma trajetória

Quando o Prêmio Nobel de Literatura foi concedido a Bjørnstjerne Bjørnson, em 1903, a Academia Sueca justificou a decisão destacando “sua nobre, grandiosa e versátil poesia, que sempre se caracterizou pela frescura da inspiração e pela pureza da alma”. Não foi um prêmio a um único livro, mas a um conjunto de obra.

A escolha ressaltava vários aspectos:

- A força de seus romances rurais, que deram forma literária à vida do povo norueguês;
- A importância de suas peças, que tratavam de temas sociais e religiosos com coragem;
- A qualidade de sua lírica patriótica, que ajudou a construir a identidade nacional;
- Seu compromisso com causas humanitárias, liberdade de expressão e direitos das minorias.

Bjørnson foi um dos primeiros autores laureados vindos de uma “periferia” cultural em relação aos grandes centros como França, Inglaterra e Alemanha. O prêmio também dizia algo sobre o próprio Nobel: mostrava

que a Academia estava disposta a olhar para autores que, além de valor literário, tinham forte impacto ético e social.

Entre a glória e a polêmica

Como toda figura pública intensa, Bjørnson não foi unânime. Sua combatividade o levou a conflitos, dentro e fora da Noruega. Foi acusado, em algumas fases, de ser excessivamente panfletário, de deixar que a mensagem engolisse a arte. Outros, porém, viam exatamente nisso sua força: a capacidade de transformar questões urgentes em drama convincente.

Ele próprio não tinha medo de mudar de opinião. Em alguns temas, revisou posições antigas, reconsiderou dogmas. Era um homem em constante debate consigo mesmo, que enxergava a coerência não como rigidez, mas como fidelidade à busca pela verdade.

Morreu em 1910, já amplamente consagrado em seu país e respeitado internacionalmente. Seu funeral, na Noruega, teve caráter quase de cerimônia nacional.

Um legado que vai além das fronteiras

Hoje, o nome de Bjørnson é menos conhecido do que o de Ibsen fora da Escandinávia. Mas seu legado continua forte em vários níveis.

Na Noruega, ele permanece como:

- autor de textos que ainda são lidos nas escolas;
- figura central na luta pela identidade nacional;
- símbolo de engajamento intelectual e coragem cívica.

No cenário internacional, é lembrado como:

- um dos primeiros Nobel de Literatura com perfil abertamente político e social;
- precursor de uma tradição de escritores que

assumem publicamente causas humanitárias;

- romancista e dramaturgo que ajudou a consolidar o realismo no norte da Europa.

Seu exemplo ecoa na figura do escritor que não se isola em torre de marfim, mas entra na praça pública com seu texto e sua voz. Um autor que vê no ato de escrever não apenas um exercício estético, mas uma responsabilidade perante seu tempo.

Por que Bjørnson ainda importa

Em um mundo onde se discute, cada vez mais, o papel do artista diante de injustiças, violência, autoritarismos e preconceitos, a figura de Bjørnstjerne Bjørnson ganha nova atualidade. Ele nos lembra que:

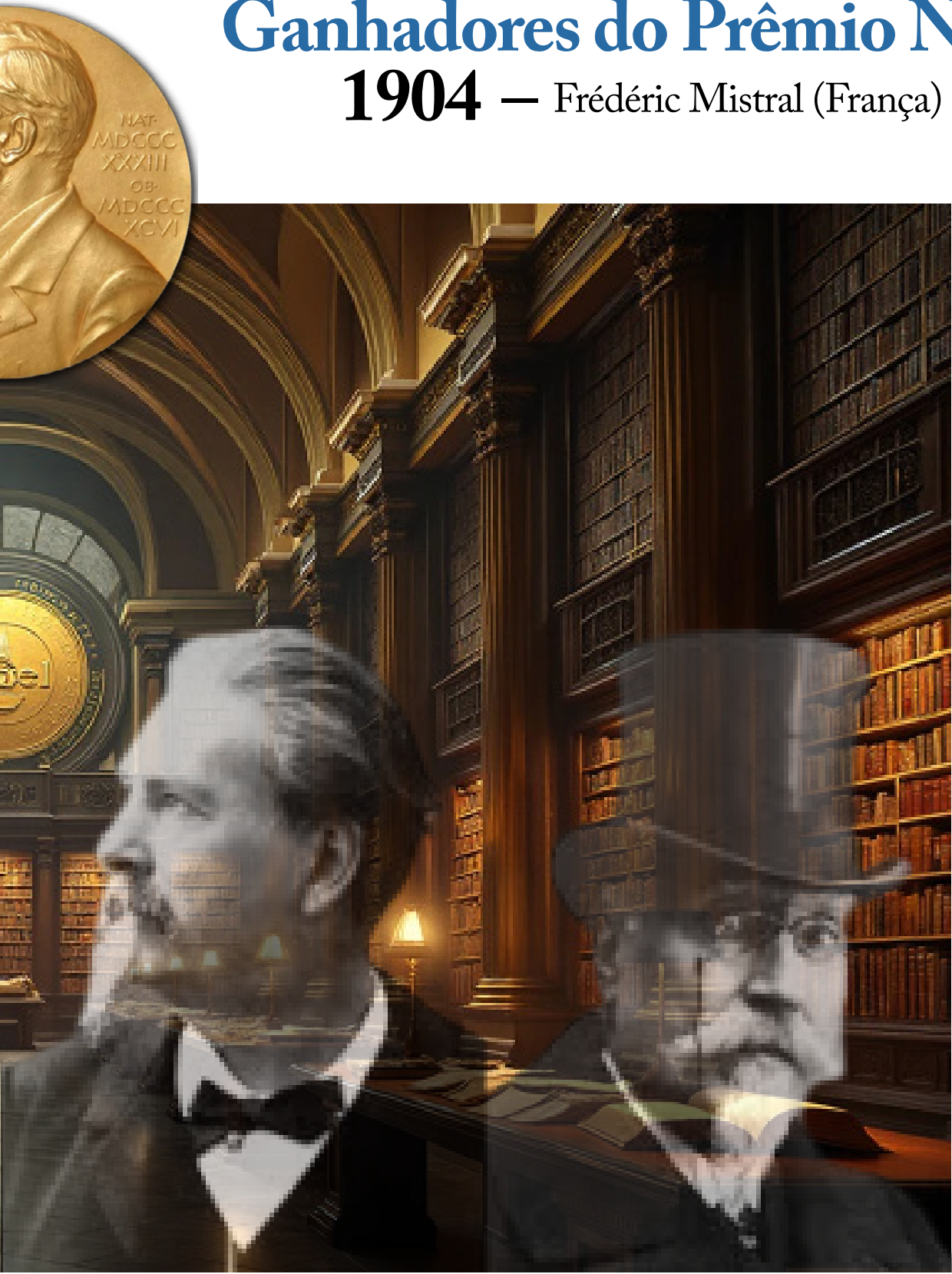
- literatura pode, sim, participar da construção de uma identidade coletiva;
- o escritor pode ser, ao mesmo tempo, artista e cidadão ativo;
- é possível defender causas sem abrir mão da complexidade humana na ficção;
- dar voz ao povo, às minorias e aos invisíveis é tarefa nobre da arte.

Bjørnson não foi apenas o ganhador do Nobel de 1903. Foi um dos arquitetos morais e literários de seu país. Um homem que acreditou que palavras podiam formar não só livros, mas também cidadãos.

E, se hoje o mapa dos vencedores do Nobel é um mosaico de línguas e países, é em parte porque figuras como ele ajudaram a mostrar que a grande literatura não nasce apenas nos centros tradicionais, mas também nas margens frias, entre camponeses, montanhas, dialectos e uma vontade teimosa de ser, ao mesmo tempo, nação e humanidade.

NOBEL DE LITERATURA

Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura: 1904 — Frédéric Mistral (França) e José Echegaray (Espanha)



Frédéric Mistral e José Echegaray: quando o Nobel dividiu-se entre a língua do povo e o palco das paixões

Em 1904, apenas no quarto ano de existência do Prêmio Nobel de Literatura, a Academia Sueca tomou uma decisão simbólica e, de certo modo, ousada: dividiu o prêmio entre dois escritores de perfis muito diferentes, de países diferentes, com trajetórias distintas, mas que, cada um à sua maneira, representava uma faceta essencial da cultura europeia da época.

De um lado, Frédéric Mistral, poeta francês que escolheu escrever não em francês, mas em provençal, a língua do sul campesino, e transformou um idioma regional quase esquecido em instrumento de alta poesia. Do



outro, José Echegaray, matemático, engenheiro, político e dramaturgo espanhol, que levou para o teatro conflitos morais intensos, personagens em crise e dilemas éticos em tom quase operístico.

Juntos, eles revelam um momento em que o Nobel de Literatura ainda tateava seus próprios critérios, oscilando entre a consagração de grandes projetos culturais coletivos e a celebração de obras dramáticas voltadas à consciência moral.

Frédéric Mistral: o poeta que ressuscitou uma língua

Frédéric Mistral nasceu em 1830, na região da Provença, sul da França. Filho de agricultores, cresceu entre vinhas, campos e aldeias que falavam uma língua diferente daquela ensinada nas escolas e usada em Paris. Ali, o que se falava era o provençal, uma das variantes do occitano, idioma que tivera brilho literário na Idade Média, sobretudo com os trovadores, mas que, no século dezenove, era visto como simples dialeto rústico.

Mistral não aceitou essa desvalorização. Ainda jovem, tomou uma decisão que mudaria sua vida e a história da literatura occitana: faria da língua de sua infância o veículo de uma poesia de alta qualidade. Em vez de abandonar o idioma do povo para ascender ao francês, ele decidiu elevar o idioma do povo ao patamar da grande literatura.

Em 1854, participou da fundação do movimento Félibrige, ao lado de outros poetas e intelectuais do sul da França. A missão era clara: revitalizar a língua e a cultura provençais, criar obras, dicionários, gramáticas, festas literárias, tudo o que pudesse devolver prestígio àquela tradição. Mistral assumiu o papel de líder natural desse movimento.

“Mirèio”: o épico da terra e do amor

A obra que o projetou internacionalmente foi o poema épico “Mirèio” (em francês, Mireille), publicado em 1859. Escrito em versos e em provençal, o poema conta a história de amor trágico entre Mireille, jovem camponesa, e Vincent, rapaz de origem humilde, condenado pela diferença social e pela oposição familiar.

À primeira vista, é um romance de amor infeliz, tema clássico na literatura. Mas Mistral transforma a história em um grande painel da vida rural provençal: costumes, festas, crenças, lendas, paisagens, ritmos do campo. A língua, musical e rica, carrega essa experiência com uma beleza que impressionou leitores muito além das fronteiras regionais.

O sucesso foi imediato. A obra foi traduzida para o francês, comentada por grandes críticos, admirada até por Victor Hugo. Operistas se interessaram pela história: o compositor Charles Gounod adaptou “Mireille” para a ópera, levando a camponesa provençal ao palco lírico.

Longe de ser apenas um regionalista pitoresco, Mistral conseguiu algo raro: usou uma língua minoritária para tocar temas universais. Seu provençal não era barreira, mas convite. A Academia Sueca viu nisso um feito notável: a prova de que a literatura podia ser, ao mesmo tempo, profundamente local e universal.

O dicionário como obra de arte

Além da poesia, Mistral dedicou décadas à elaboração de uma obra monumental: o dicionário “Lou Tresor dóu Félibrige”, que reunia vocabulário, expressões, usos e sentidos da língua occitana em suas diversas variantes. Era, ao mesmo tempo, trabalho científico, cultural e afetivo.

Esse dicionário não era algo frio. Era, em certo sentido, o museu vivo de uma língua que ele se recusava a ver morrer. A Academia Sueca, ao premiá-lo, mencionou explicitamente não só sua criação poética, mas seu esforço em preservar e organizar linguisticamente uma tradição ameaçada pela centralização cultural francesa.

Mistral, agricultor, poeta, lexicógrafo, tornou-se uma espécie de símbolo: o homem que provou que a cultura de um povo não é menos nobre por serem camponeses ou por falarem um idioma não oficial.

José Echegaray: o engenheiro do drama moral

Se Mistral representava a força de uma língua regional, José Echegaray encarnava outra figura típica do século dezenove: o intelectual polivalente, transitando entre ciência, política e arte.

Nascido em 1832, em Madrid, Echegaray teve formação sólida em matemática e engenharia. Desde jovem, destacou-se como professor de física e como engenheiro envolvido em obras públicas. Ao mesmo tempo, interessava-se por economia, filosofia e política. Ocupou cargos importantes no governo espanhol, chegando a ser ministro de Finanças e de Fomento em períodos-chave da instável monarquia espanhola.

Tudo indicaria uma carreira brilhante nas ciências e na administração pública. Mas, a partir da década de 1870, Echegaray começou a se dedicar com intensidade ao teatro. E foi justamente no palco que ele encontrou a forma mais poderosa de expressar seus dilemas e preocupações.

O teatro como campo de batalha moral

As peças de José Echegaray bebem da tradição do drama romântico e do melodrama, mas com forte componente moral e psicológico. Seus personagens não são apenas bonecos em tramas mirabolantes. São homens e mulheres em conflito, dilacerados entre dever e desejo, honra e paixão, lealdade e traição.

Entre suas obras mais conhecidas estão “El gran Galeoto”, “La esposa del vengador”, “O loco Dios” e “Mar sin orillas”. Em muitas delas, o dramaturgo explora:

- segredos do passado que irrompem no presente;
- casamentos em crise, marcados por mentira e sacrifício;
- personagens que pecam e buscam redenção;
- conflitos entre honra social e verdade íntima.

Há um gosto evidente pelo excesso dramático, típico da época, que hoje pode parecer exagerado. Gritos, revelações chocantes, coincidências improváveis, finais intensos. Mas, por trás desse estilo mais “alto”, há perguntas incômodas sobre culpa, responsabilidade e perdão.

Echegaray não fugia de temas ousados, como adultério, filhos ilegítimos, corrupção política, hipocrisia familiar. Seu teatro não era abstrato. Dialogava diretamente com um público que reconhecia, nos palcos, seus próprios problemas morais.

Ciência, razão e tragédia

É curioso notar como a formação científica de Echegaray convive com seu impulso dramático. Ele acreditava na razão, na lógica, no progresso técnico. Mas, no palco, mostrava o lado obscuro da condição humana, onde a racionalidade cede espaço a forças afetivas incontroláveis.

Essa tensão entre o homem racional e o homem trágico é uma das marcas de sua escrita. Em algumas peças, personagens tentam justificar seus atos com cálculos frios, mas acabam arrastados por paixões que escapam a qualquer equação.

A Academia Sueca viu em Echegaray um continuador do grande teatro europeu do século dezenove, herdeiro de Victor Hugo e parente distante, em espírito, dos problemas que Ibsen e outros contemporâneos começavam a trazer à tona. Seu Nobel reconhecia não apenas um repertório amplo e popular, mas também o esforço em usar o teatro como arena para discutir valores.

Um Nobel dividido: o que significava premiar os dois

Ao dividir o Nobel de 1904 entre Mistral e Echegaray, a Academia Sueca parecia querer afirmar duas coisas ao mesmo tempo.

Com Mistral, homenageava:

- a resistência cultural das línguas minoritárias;
- o poder da poesia em salvar e reinventar tradições locais;
- a capacidade de um escritor em fazer do regional algo universal.

Com Echegaray, reconhecia:

- a importância do teatro como espaço de reflexão pública;
- o papel do escritor engajado em dilemas morais e sociais;
- um modelo de intelectual que não se separa das grandes questões de seu tempo.

O prêmio duplo mostrava um Nobel ainda em busca de equilíbrio entre diversas formas de grandeza literária: a do poeta que cuida da memória profunda de um povo e a do dramaturgo que põe em cena as contradições éticas de uma sociedade.

Legados distintos, sombras diferentes

Com o passar do tempo, os dois laureados de 1904 tiveram destinos críticos diferentes.

Frédéric Mistral manteve, especialmente no sul da França, um lugar de honra como herói cultural. Sua defesa da língua occitana influenciou movimentos regionalistas posteriores e até debates contemporâneos sobre diversidade linguística na Europa. Sua poesia ainda é estudada e lida, sobretudo por quem se interessa por línguas e culturas minoritárias.

José Echegaray, por sua vez, perdeu espaço no cenário internacional. O estilo teatral que praticava, marcado pelo melodrama, foi sendo ofuscado por dramaturgos como Ibsen, Tchekhov e Strindberg, cujas obras envelheceram melhor aos olhos da crítica moderna. Hoje, ele é muito mais lembrado como figura histórica do que como autor encenado com frequência.

Ainda assim, seu Nobel não pode ser reduzido a um equívoco. No contexto da virada entre século dezenove e vinte, ele representava uma forma de teatro que havia tido impacto real em seu público, levando questões difíceis ao palco e ajudando a formar consciência.

Por que 1904 ainda fala algo para nós

Olhar para o Nobel dividido entre Mistral e Echegaray é um exercício interessante para pensar o que valorizamos em literatura:

- a voz que preserva o que está à margem, como Mistral, ou a voz que dramatiza o conflito no centro da vida social, como Echegaray?
- a obra que cria beleza a partir da língua quase esquecida, ou a que se arrisca a discutir moral em linguagem mais direta?

Talvez a resposta esteja menos em escolher um lado e mais em reconhecer que a literatura ganha quando múltiplas formas de grandeza convivem.

Frédéric Mistral nos lembra da importância de ouvir o que é dito nas línguas não oficiais, nas aldeias, nas margens. José Echegaray nos recorda que o palco e, por extensão, a arte pode ser um lugar legítimo para expor nossas contradições mais íntimas.

Em 1904, o Nobel de Literatura ainda estava desenhando seu rosto. Ao premiar esses dois nomes, traçou duas linhas que, até hoje, continuam cruzando o mapa literário: a linha da memória cultural profunda e a linha do confronto ético à luz dos refletores.



LITERATURA

A Narrativa Feminina na Literatura Clássica: O Que Podemos Aprender com Jane Austen?



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

“Jane Austen revolucionou a narrativa feminina através de personagens como Elizabeth Bennet, demonstrando que força feminina reside em inteligência, ironia e questionamentos sutis, não apenas rebeldia ostensiva, ensinando que autenticidade e pensamento crítico são armas poderosas contra expectativas sociais, criando literatura que transforma consciências através de detalhes, afetos e escolhas conscientes.”



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2025”

Jane Austen não apenas escreveu romances, ela nos convida a entrar nas casas, nas salas de estar e nos corações de suas personagens, como quem desliza a ponta de um pincel sobre uma tela viva. Ler Austen não é mero entretenimento, é experiência de consciência e de presença. O cheiro das páginas, o peso do livro nos braços, o silêncio que se instala ao virar cada folha despertam algo profundo, a sensação de que a casa, a vida, o mundo, só se completam com a literatura.



Cada gesto, cada palavra da heroína austeana Elizabeth Bennet é uma revolução silenciosa. É impossível não se encantar com sua inteligência, sua ironia e sua coragem de questionar um mundo que insiste em definir as mulheres por expectativas alheias. Austen nos ensina que a felicidade não nasce da aprovação dos outros, mas da fidelidade a si mesma, que resistir, pensar e escolher é coragem, que a leitura é, por si só, um ato de resistência. A força feminina nem sempre

se traduz em rebeldia ostensiva, muitas vezes reside no riso contido, no questionamento sutil, na decisão de amar com consciência e liberdade!



O extraordinário habita o ordinário. Conversas, olhares, pequenas provocações, gestos delicados, tudo isso constrói universos inteiros de significado. Ler Austen é aprender a escutar o silêncio, a perceber nuances, a sentir com atenção plena, é compreender que cada escolha, mesmo limitada pelas regras da época, carrega uma potência que atravessa séculos. A narrativa feminina que ela nos oferece é ao mesmo tempo delicada e feroz, discreta e transformadora.

O que podemos aprender com Elizabeth Bennet e suas irmãs, com suas dúvidas, certezas e risos mordazes? Que ser mulher é existir em camadas, que o pensamento crítico e a liberdade interior podem ser armas mais poderosas do que

qualquer rebeldia ostensiva, que a autenticidade é um ato de coragem. A romancista nos mostra que viver, escrever e sentir com liberdade é uma arte que exige atenção, inteligência e sensibilidade.

Enquanto houver mulheres que leem, sentem e se transformam com Elizabeth, Emma, Eleanor, Fanny, Marianne, Lucy e tantas outras, a narrativa feminina seguirá moldando consciências. Jane Austen nos lembra que o mundo muda, silencioso, feroz, uma página de cada vez, quando a leitura pulsa, quando a leitura vive dentro da alma. A literatura feminina, portanto, não é apenas história, é vida, é resistência! É poder que se revela nos detalhes, nos afetos, nas escolhas conscientes e na força silenciosa de quem lê e se transforma.



Resenha de Livro

“Orgulho e Preconceito”
Escritora Jane Austen

Por J.B Wolf
EDITOR CHEFE

Poucos romances envelhecem com tanta elegância quanto “Orgulho e Preconceito”. À primeira vista, ele parece ser apenas uma história de amor bem comportada, com bailes, visitas sociais e conversas educadas em salas de estar. Mas Jane Austen escreve como quem sorri enquanto desmonta uma sociedade inteira, e é exatamente isso que torna o livro tão irresistível.

A trama acompanha Elizabeth Bennet, uma jovem inteligente, espirituosa e dona de uma lucidez rara para o seu tempo. Em uma Inglaterra onde mulheres precisam se casar para garantir segurança, status e sobrevivência social, Elizabeth se recusa a aceitar o casamento como destino automático. O encontro com Mr. Darcy, inicialmente frio e arrogante, acende uma tensão deliciosa: o tipo de conflito em que a atração cresce justamente onde há choque de orgulho, feridas e julgamentos precipitados.

O grande triunfo de Austen está no modo como ela transforma pequenas situações em grandes revelações humanas. Uma frase dita com desprezo, um olhar evitado, uma carta lida no momento certo: tudo tem peso. E, por trás do romance, há uma crítica afiada à hipocrisia social, às aparências e ao mercado matrimonial que reduz sentimentos a conveniência.

A escrita é refinada, mas nunca distante. O humor é sutil e elegante, e os personagens, especialmente os secundários, são tão vivos que parecem caminhar para fora do livro. Alguns são irritantes de propósito, outros são engraçados sem tentar, e todos existem para expor o teatro social da época.

“Orgulho e Preconceito” não é apenas um clássico: é um romance sobre orgulho ferido, preconceitos confortáveis e a coragem de admitir que podemos estar errados. E talvez seja por isso que, séculos depois, ainda nos reconhecemos tanto nele.

@poetajbwolf



PARTICIPE DO EDITAL

Sua ideia merece se tornar leitura para o mundo. Participe!

O The Bard News, espaço independente de cultura, arte e reflexão, abre chamada permanente para submissões de textos criativos e ensaios críticos que dialoguem com os diferentes aspectos da cultura, da subjetividade e do nosso tempo. Queremos ampliar vozes e reunir perspectivas diversas sobre o que nos move, emociona e transforma.

Aceitamos:

- **Artigos:** Reflexões, análises críticas, Opinião. (Arte, Literatura, Cultura, Filosofia, História, Educação, Comportamento, Curiosidades, Ciência & Tecnologia e Saúde & Bem Estar, Crítica e Opinião.
- **Ensaio:** filosóficos e temas culturais.
- **Poemas:** Poesia autoral em qualquer estilo ou forma.
- **Crônicas:** Olhares sensíveis sobre o cotidiano, a cidade, as emoções e o tempo.
- **Resenha:** de livros e Filmes.
- **Contos:** Narrativas ficcionais, livres, fantásticas ou realistas.
- **Minicontos:** Histórias breves, impactantes e criativas.
- **Prosa Livre:** Textos híbridos, experimentais, fragmentos e reflexões abertas.

CLIQUE AQUI



LITERATURA

A Poesia Romântica: Resgatando a Beleza na Era da Razão



Por Stella Gaspar
COLUNISTA

Professora da Universidade Federal da Paraíba do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia. Mestre e Doutora em Educação. Pós-doutorado em Educação pela Faculdade de Magistério de Valência-Espanha

@stella_maria_gaspar

“Como o Movimento Romântico Brasileiro Revolucionou a Literatura Contra o Racionalismo Iluminista”



A Era da Razão, iluminismo, foi um movimento intelectual que se desenvolveu nos séculos XVII e XVIII, conhecido como o “Século das Luzes”. Valorizava a razão humana como principal ferramenta para o progresso humano, criticando o absolutismo e a intolerância religiosa. Foi uma dinâmica de contestação ao poder absoluto dos reis e ao domínio da Igreja sobre a vida pública.

Os ideais iluministas tiveram sérias implicações sociopolíticas. Como exemplo, o fim do colonialismo e do absolutismo e o liberalismo econômico, bem como a liberdade religiosa, o que culminou em movimentos como a Revolução Francesa (1789). Essas ideias passavam a questionar o próprio sistema colonial e fomentar o desejo de mudanças. Assim, o “Movimento das Luzes” influenciou a Inconfidência Mineira (1789), a Conjuração Baiana (1798) e a Revolução Pernambucana (1817).

Principais filósofos Iluministas: Montesquieu, criador da teoria da separação dos poderes (Executivo, Legislativo e Judiciário) (1689–1755); Voltaire, defensor da liberdade de pensamento e crítico da intolerância religiosa (1694–1778). Diderot ficou marcado pela criação das Enciclopédias, volumes de livros que buscaram reunir grande parte do conhecimento científico da época, condensadamente. (1713–1784), D'Alembert atuou na elaboração das Enciclopédias. (1717–1783), Rousseau, propôs o contrato social e asoberania; (1712–1778). John Locke, filósofo inglês contratualista, defensor da ideia de que o ser humano seria uma “tábula rasa”. Também defendia que o Estado deveria garantir os direitos naturais de seus cidadãos. (1632–1704), Adam Smith, filósofo e economista escocês, conhecido por suas teorias acerca da “mão invisível do mercado”. (1723–1790).

A “Era da Razão” mudou formas de compreensões. A beleza deixou de ser um atributo do mundo exterior para se tornar

uma experiência subjetiva, analisada pela razão humana.



Em resposta a essa nova ordem, como resistência ao pensamento racionalista, emerge o “movimento romântico”, especialmente na poesia, para resgatar a beleza, os sentimentos humanos profundos e a valorização do indivíduo. Essa nova perspectiva colocava em destaque temas como o amor idealizado, a nostalgia, a exaltação da natureza e o culto à liberdade individual.

A Poesia Romântica

O Romantismo no Brasil surge poucos anos depois da Independência do país, que aconteceu em 7 de setembro de 1822.

Ao resgatar a beleza em meio ao domínio da razão, a poesia romântica permitiu que as emoções humanas fossem colocadas no centro da produção literária, com obras românticas que encantam leitores pela sua intensidade emocional e inspiração estética, textos poéticos, teatrais e romances.

No Brasil, o Romantismo floresceu com poetas como Gonçalves Dias, com o poema “Canção do Exílio”, que expressa a saudade da pátria e a beleza da natureza brasileira. Castro Alves, conhecido como “poeta dos escravos”, utilizou sua poesia para denunciar injustiças sociais e defender a liberdade. Casimiro de Abreu, famoso pelo lirismo e saudosismo, expressos em obras como: “As Primaveras”. José de Alencar, principal nome da prosa romântica, abordou o indianismo, o regionalismo

e o urbano, com obras como “Iracema” e “O Guarani”, além de outros nomes.

A prosa do Romantismo no Brasil está dividida nas seguintes temáticas: indianista, urbana, regionalista, histórica.

Abaixo, um exemplo de “prosa romântica”.

“Além, muito além daquela serra, que ainda azula no horizonte, nasceu Iracema. Iracema, a virgem dos lábios de mel, que tinha os cabelos mais negros que a asa da graúna, e mais longos que seu talhe de palmeira.

O favo da jati não era doce como seu sorriso; nem a baunilha recendia no bosque como seu hálito perfumado.



Mais rápida que a corça selvagem, a morena virgem corria o sertão e as matas do Ipu, onde campeava sua guerreira tribo, da grande nação tabajara. O pé grácil e nu, mal roçando, alisava apenas a verde pelúcia que vestia a terra com as primeiras águas”. (Trecho da obra Iracema, de José de Alencar, 1865).

Ao resgatar a essência humana diante da racionalidade, o Romantismo demonstrou que “arte e emoção” podem coexistir e enriquecer nossa compreensão do mundo e de nós mesmos. As linguagens poéticas expressam beleza, emoção e sensibilidade, possibilitando grande fôlego linguístico e existencial.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2025”

"O Café Passagem" - Capítulo 5: Páginas em Branco

GÊNERO - CONTO

Por J.B Wolf
ESCRITOR



Recapitulação Capítulo 4: O Segundo Domingo

Luísa retorna ao Café Passagem com um livro de Fernando Pessoa. Daniel chega visivelmente perturbado, revelando que não consegue mais escrever sobre ela desde que se conheceram pessoalmente, as páginas ficam em branco quando tenta ver o futuro. Luísa lê "Autopsicografia" para ele, criando uma reflexão sobre a diferença entre viver e escrever sobre a vida. Daniel descobre que consegue escrever apenas sobre o presente, não mais sobre o futuro. Testando suas habilidades, ele percebe que perdeu completamente o dom de prever eventos futuros. Em vez de se desesperar, sente-se estranhamente livre. Eles marcam um jantar para segunda-feira como "duas pessoas normais", e pela primeira vez, Daniel deixa o café sem ter escrito sobre visões, apenas sobre o momento real que viveram juntos.

Capítulo 5: Páginas em Branco

Daniel passou o domingo à tarde caminhando sem destino pelas ruas da cidade. O encontro com Luísa havia deixado uma sensação estranha em seu peito, uma mistura de alívio e pânico que ele não conseguia nomear. Pela primeira vez em quinze anos, o futuro era completamente opaco para ele. Quando chegou em casa, o apartamento

pareceu menor, mais silencioso. Sentou-se à mesa da cozinha e abriu o caderno na primeira página em branco. Pegou a caneta e tentou escrever qualquer coisa sobre o dia seguinte.

Nada. Tentou se concentrar em eventos específicos: o resultado de jogos, o clima, notícias que poderiam acontecer. A caneta permanecia imóvel sobre o papel, como se tivesse esquecido sua função. Às sete da noite, o telefone tocou. — Daniel? — A voz de Miguel soou preocupada. — Você está bem? Tentei te ligar mais cedo. — Estou — Daniel mentiu. — Só... pensando. — Sobre a mulher do café?

Daniel hesitou. Miguel era a única pessoa que conhecia seu segredo, mas também era o mais cético em relação ao dom.

— Encontrei com ela de novo hoje. — E? — Perdi a capacidade, Miguel. Não consigo mais ver nada. O silêncio do outro lado da linha se estendeu por longos segundos. — Talvez seja temporário — Miguel disse finalmente. — Você já passou por períodos de bloqueio antes.

— Não assim. Desta vez é diferente. É como se... como se conhecê-la tivesse quebrado alguma coisa.

— Ou consertado — Miguel sugeriu. — Daniel, você já considerou que talvez isso seja bom? Você passou a vida inteira preso a visões que nem sempre se realizavam. Talvez seja hora de viver sua própria vida.

— Mas e se eu precisar do dom? E se algo terrível for acontecer e eu não conseguir avisar? — E se algo maravilhoso for acontecer e você puder simplesmente viver?

Daniel não tinha resposta para isso.

Na segunda-feira de manhã, Daniel acordou com uma sensação que não experimentava há anos: curiosidade genuína sobre o dia que o esperava. Não sabia o que aconteceria, e isso era simultaneamente aterrorizante e libertador.

Decidiu fazer algo que nunca fizera: sair de casa sem destino específico e ver onde o dia o levaria.

Caminhou até o centro da cidade, observando detalhes que normalmente passavam despercebidos. A forma como a luz da manhã se refletia nas vitrines, o ritmo apressado dos pedestres, o aroma de café que escapava das padarias.

Sem perceber, seus passos o levaram até O Café Passagem.

Através da vitrine, viu Luísa sentada à mesa deles, digitando em um laptop. Ela não deveria estar ali — era segunda-feira de manhã, dia de trabalho. Mas lá estava ela, concentrada, mordendo levemente o lábio inferior como fizera no domingo.

Daniel entrou no café, e ela ergueu os olhos quando o sino da porta tocou.

— Daniel? — Ela pareceu genuinamente surpresa. — O que faz aqui?

— Eu... não sei — ele admitiu, aproximando-se. — Acordei e meus pés me trouxeram aqui. E você? Não deveria estar trabalhando?

— Deveria — Luísa fechou o laptop. — Mas não consegui me concentrar em casa. Vim aqui porque... bem, porque é aqui que as coisas fazem sentido ultimamente.

Daniel sentou-se à frente dela, e o garçom automaticamente trouxe café sem açúcar e chá de jasmim.

— Sobre o que estava escrevendo? — ele perguntou.

— Na verdade, estava pesquisando — Luísa hesitou. — Sobre pessoas que afirmam ter habilidades premonitórias. Queria entender melhor o que você passou.

— E o que descobriu?

— Que é mais comum do que imaginava. Há relatos ao longo da história, estudos científicos, teorias sobre percepção temporal alterada — ela abriu o laptop novamente. — Mas também descobri algo interessante.

— O quê?

— Muitos casos documentados mostram que a habilidade pode desaparecer quando a pessoa encontra estabilidade emocional. Como se o dom fosse uma forma de compensar algum vazio ou necessidade.

Daniel sentiu um aperto no peito. — Você está sugerindo que eu só tinha visões porque estava... vazio?

— Não vazio — Luísa se apressou a corrigir. — Talvez buscando algo. E agora que encontrou...

— Não preciso mais procurar no futuro — ele completou.

Eles ficaram em silêncio, absorvendo a implicação. Se a teoria estivesse correta, Daniel havia perdido o dom não por acaso, mas porque finalmente havia encontrado o que procurava: conexão real com outra pessoa.

— Como se sente sabendo disso? — Luísa perguntou.

Daniel considerou a pergunta. Durante toda a manhã, havia se sentido perdido, como um navegador sem bússola. Mas agora, olhando para Luísa, percebeu que talvez não precisasse de uma bússola. Talvez precisasse apenas de um destino que valesse a pena.

— Assustado — ele admitiu. — Mas também... esperançoso? É estranho não saber o que vai acontecer, mas ao mesmo tempo é emocionante.

— Quer fazer um teste? — Luísa sugeriu.

— Que tipo de teste?

— Vamos sair daqui e deixar o dia nos levar. Sem planos, sem destino. Vamos ver o que acontece quando duas pessoas simplesmente... vivem.

Daniel sorriu. Era exatamente o tipo de aventura que nunca se permitira antes.

— E o seu trabalho?

— Posso trabalhar à noite. Hoje quero descobrir como é viver sem saber o que vem a seguir.

Eles saíram do café de mãos dadas, e Daniel sentiu uma vertigem estranha. Pela primeira vez em quinze anos, o futuro era um mistério completo. E pela primeira vez na vida, isso não o apavorava.

Passaram o dia explorando a cidade como turistas em sua própria terra. Visitaram um museu que Daniel nunca havia notado, almoçaram em um restaurante escolhido ao acaso, sentaram-se em um parque para observar as pessoas passarem.

A cada momento, Daniel esperava que as visões retornassem, que algum flash do futuro invadisse sua mente. Mas havia apenas o presente: o riso de Luísa quando ele contou uma piada ruim, o sabor do sorvete que dividiram, a sensação de sua mão na dele.

— Daniel? — Luísa disse quando se sentaram em um banco de frente para um lago.

— Sim?

— Posso te contar um segredo?

— Claro.

— Eu sempre tive medo do futuro. Não de forma paranóica, mas... sempre me preocupei tanto com o que poderia acontecer que esquecia de viver o que estava acontecendo.

— E agora?

— Agora, pela primeira vez, o futuro não me assusta. Porque sei que, aconteça o que acontecer, não estarei sozinho.

Daniel se virou para olhá-la. O sol da tarde criava reflexos dourados em seus cabelos, e ele teve vontade de memorizar aquele momento, de guardá-lo como costumava guardar suas visões.

— Luísa?

— Sim?

— Obrigado.

— Pelo quê?

— Por me ensinar que o presente pode ser mais interessante que qualquer futuro.

Ela sorriu e se inclinou para beijá-lo. Foi um beijo suave, sem pressa, como se tivessem todo o tempo do mundo. E talvez tivessem. Afinal, quando se vive apenas o presente, cada momento se torna infinito.

Quando se separaram, Daniel percebeu que não sentia mais falta das visões. Pela primeira vez em quinze anos, estava exatamente onde queria estar: no presente, com a pessoa certa, construindo um futuro que nenhum dom poderia prever.

— E agora? — Luísa perguntou, ecoando a pergunta que se tornara o refrão de seus encontros.

— Agora — Daniel disse, entrelaçando os dedos com os dela — vamos descobrir juntos.

E pela primeira vez na vida, a incerteza do futuro não era uma fonte de ansiedade, mas de infinitas possibilidades.

CONTINUA... 6º Capítulo

CULTURA

Biblioteca: Tesouro Dos Remédios Da Alma



Por Beth Baltar
COLUNISTA

Professora Titular do Departamento de Ciência da Informação e do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação da Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Letras pela Universidade Federal da Paraíba. Pós-Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de São Paulo. Líder do Grupo de Pesquisa: Leitura, Organização, Representação, Produção e Uso da Informação. Membro efetivo da Academia de Cordel do Vale do Paraíba, como pesquisadora da Literatura de Cordel.

@beth_baltar

"Da Alexandria ao Digital: Como as Bibliotecas Evoluíram de Guardiãs do Conhecimento a Centros de Transformação Social"



Iniciamos esta Coluna inspirada no pensamento do bispo e teólogo francês, Jacques Bossuet: “No Egito, as bibliotecas eram chamadas ‘Tesouro dos remédios da alma’. De fato, é nelas que se cura a ignorância, a mais perigosa das enfermidades e a origem de todas as outras”.



A palavra biblioteca vem do grego bibliothēke, do latim bibliotheca, composto por βιβλίον (biblion) que significa livro eθήκη (thēke) que é depósito. Podemos definir biblioteca como um espaço físico em que se guardam livros, para a preservação e conservação do conhecimento.

Desde o início da humanidade, o homem se preocupa em registrar o conhecimento por ele produzido e a forma física dos livros, cuja mudança foi significativa desde a Antiguidade, determinante nos formatos e na organização das bibliotecas em diferentes séculos.

Voltando no tempo, observamos o surgimento nos séculos VII e VIII a.C. das grandes bibliotecas da Antiguidade e a que representa o ápice desse período é a Biblioteca de Alexandria, que entre os anos de 280 a.C a 416 d.C, reuniu o maior acervo de cultura e ciência do mundo antigo, organizado em rolos dispostos em pilhas e com etiquetas com os nomes dos autores e títulos das obras. Entretanto, não se tem conhecimento se o acesso era reservado apenas aos eruditos ou ao público em geral.



Na Idade Média, tanto no Ocidente como no Oriente, as bibliotecas eram ligadas a ordens religiosas, cujos mosteiros e conventos eram responsáveis pela preservação da antiga cultura greco-romana e eram consideradas como guardiães de livros, motivo pelo qual o acesso era fechado ao público.



Entre os séculos XIII e XV, a Europa passou por importantes mudanças intelectuais e sociais com o surgimento das universidades. Para atender a estes estudantes foi criado o primeiro catálogo unificado, cuja informação era recuperada pelo nome do autor, como também indicava as bibliotecas onde as obras poderiam ser encontradas.

No Renascimento, os homens de letras foram despertados pelo interesse em organizar as bibliotecas com livros raros e considerados importantes com o objetivo de prestigiar os pares e súditos, bem como a preocupação com a situação física e a organização interna. Nessa época foram criados novos tipos de livros e com o surgimento da imprensa, no Ocidente, provocou o rompimento do monopólio que a Igreja exercia sobre a produção dos livros. As bibliotecas, enquanto elemento social, passaram a ter maior importância.



Mas, foi no século XVII que as bibliotecas ganharam importância social e pública, inicialmente nos países mais desenvolvidos da Europa e posteriormente nos Estados Unidos, com acervos gerais de livros e aberta ao público, passando a representar a modernidade, desde então, em oposição às bibliotecas da antiguidade e medievais que as antecederam.

A partir do século XIX, o livro torna-se imperativo. E o século XXI, é marcado pela globalização e acesso as tecnologias de informação e comunicação, tornando a informação como mola propulsora das transformações que afetam a sociedade contemporânea.



Na contemporaneidade, os desafios são latentes na ideia de reconfigurar os espaços do saber e integrá-los a outros espaços, com acesso total a uma rede potencialmente infinita de

informações, partindo de constantes atualizações das bibliotecas que não são mais consideradas lugares exclusivamente de livros, mas de diversas formas de mídia.



A biblioteca passou a exercer um papel primordial na promoção de práticas que inspiram a arte, a cultura, a educação, a leitura, por meio dos quais possibilita o indivíduo na construção de valores sociais, conhecimento, atitudes, habilidades e competências para o bem comum da sociedade, além de oferecer serviços, eventos culturais e acervos que representam a memória coletiva e as várias formas de expressão humana, indo além da simples função de depósito de livros.



Certamente, as bibliotecas continuam incorporando em seus sistemas gerenciais as possibilidades promovidas pela tecnologia, ampliando o acesso aos acervos por meios digitais, por meio de novos e desafiadores espaços para o estudo e produções culturais inovadoras. Essa é a essência e a razão de ser das bibliotecas.

GÊNERO - CONTO

O Colecionador de Suspiros

Por J.B Wolf



4º Capítulo

Quando os enfermeiros encontraram meu corpo na manhã seguinte, eu estava sentado na cadeira de plástico ao lado da cama onde meu pai havia morrido trinta e sete anos antes. O quarto 304 estava vazio há meses, mas de alguma forma eu havia conseguido entrar.

Dr. Henrique Moreira, plantonista da madrugada, foi o primeiro a me ver. Mais tarde, ele contaria aos colegas que havia algo perturbador na cena — não apenas um homem morto em um quarto que deveria estar trancado, mas a sensação de que aquela morte havia acontecido décadas antes e apenas agora estava sendo descoberta.

— Parecia que ele estava esperando — disse o doutor ao investigador da polícia civil. — Como se tivesse marcado um encontro e finalmente o outro tivesse chegado.

Não havia sinais de violência. Meu rosto estava sereno, como o de alguém que finalmente havia conseguido dizer o que precisava ser dito. Minhas mãos repousavam sobre o colo, palmas para cima, numa postura de entrega que os enfermeiros reconheceram — era exatamente assim que os pacientes terminais se posicionavam nos últimos momentos, quando paravam de lutar e aceitavam o inevitável.

No chão, ao lado da cadeira, encontraram um frasco de compota vazio.

A enfermeira Carla, que trabalhava no hospital há quinze anos, pegou o frasco com curiosidade. Era antigo, do tipo que sua avó usava para guardar doces caseiros. A etiqueta estava desbotada, mas ainda era possível ler: "Perdão - 1987 - Quarto 304".

— Que estranho — murmurou ela, segurando o frasco contra a luz da janela.

Dentro dele, se olhassem com atenção suficiente, talvez pudessem ver o eco de uma única palavra, flutuando como vapor: "Perdão."

Mas ninguém olhou com atenção suficiente.

Dr. Moreira examinou meus documentos. Joaquim Santos, quarenta e nove anos, técnico em radiologia do próprio hospital. Solteiro, sem parentes próximos. O endereço constava como um apartamento no Bixiga. A causa da morte foi registrada como parada cardíaca, embora não houvesse histórico de problemas cardíacos em meu prontuário médico.

— Conheciam este homem? — perguntou o doutor aos enfermeiros presentes.

Todos balançaram a cabeça. Estranho, considerando que eu supostamente trabalhava ali há quase três décadas. Mas quando verificaram os registros de funcionários, meu nome aparecia apenas em documentos antigos, como se eu tivesse parado de existir oficialmente anos antes, embora continuasse a circular pelos corredores como uma sombra.

A enfermeira Carla guardou o frasco em seu bolso. Não sabia por quê, mas sentia que ele não deveria ser descartado com o resto dos pertences. Naquela noite, levou-o para casa e o colocou na estante da cozinha, entre os temperos e os remédios.

Nos dias seguintes, coisas estranhas começaram a acontecer em sua casa. Ela ouvia sussurros vindos da cozinha nas madrugadas, palavras que quase se formavam mas nunca chegavam a ser pronunciadas completamente. Seu marido, Paulo, também notou.

— Você está falando sozinha de novo? — perguntou ele numa manhã, depois de uma noite particularmente inquieta.

— Não sou eu — respondeu Carla, olhando para o frasco na estante. — Acho que é ele.

CONTINUA....

@poetajbwolf



CULTURA

A Economia da Saudade: Como o Passado se Tornou o Negócio Mais Lucrativo do Futuro

CULTURA - Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

“Da Nostalgia à Máquina de Dinheiro: Por Que Décadas de 80 e 90 Dominam o Mercado Multibilionário.”



A nostalgia transformou-se em poderosa máquina econômica multibilionária que reempacota décadas de 80 e 90 como produto premium. Impulsionada pela busca de âncora psicológica em tempos incertos e pelo fenômeno "anemoia" da Geração Z, essa economia abrange desde vinis e games retrô até blockbusters de Hollywood, criando paradoxo entre motor criativo e potencial estagnação cultural.

Em um mundo saturado pela velocidade do digital e pela promessa incessante do “próximo grande lançamento”, uma força contraintuitiva domina a cultura e o consumo de forma avassaladora: a nostalgia. Longe de ser apenas um sentimento vago e melancólico, a saudade foi transformada em uma poderosa máquina econômica, um mercado multibilionário que reempacota as décadas de 80 e 90 como um produto premium. De estúdios de Hollywood a gigantes da moda e da tecnologia, todos parecem ter percebido que o caminho mais seguro para o bolso do consumidor é uma viagem bem executada pela estrada da memória. Este artigo investiga as engrenagens deste fenômeno, explorando por que nos apegamos tanto ao passado e como essa conexão emocional está sendo monetizada em uma escala sem precedentes.



A Âncora Psicológica em Mares de Incerteza

Para entender por que o passado vende, é preciso primeiro compreender por que o compramos. Em uma era definida pela instabilidade econômica, pela polarização social e por um fluxo de informações que beira o caótico, a nostalgia surge como uma âncora psicológica. Psicólogos e sociólogos apontam que o cérebro humano tende a editar o passado, suavizando as arestas e amplificando as boas lembranças. As décadas de 80 e 90, para quem as viveu, representam uma era pré.internet em massa, um tempo percebido como mais simples, com interações mais tangíveis e uma cultura pop menos fragmentada. Comprar um vinil ou assistir a um filme antigo não é apenas um ato de consumo, é a busca por um refúgio emocional,

uma tentativa de recapturar a segurança e a clareza de um mundo que, em retrospecto, parece fazer mais sentido.

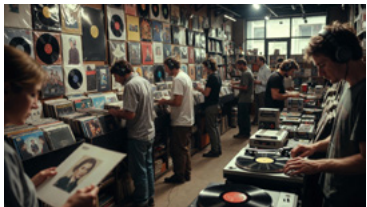


O mais fascinante, no entanto, é a adesão da Geração Z a essa tendência, um fenômeno batizado de “anemoia”: a nostalgia por um tempo que não se viveu. Jovens que nasceram na era dos smartphones se encantam com a estética granulada das fitas VHS, com a fisicalidade das câmeras analógicas e com o som imperfeito das fitas cassete. Para eles, essa não é uma busca por memórias pessoais, mas uma forma de se conectar a uma autenticidade percebida, um contraponto ao mundo digital polido e muitas vezes superficial em que cresceram. Plataformas como TikTok e Instagram se tornaram verdadeiros museus interativos, onde estéticas, músicas e gírias do passado são ressuscitadas e ressignificadas, criando uma ponte cultural entre gerações e alimentando um ciclo de consumo que se retroalimenta. O passado, nesse contexto, vira um estilo, uma declaração de identidade.



A Materialização da Memória em Produtos e Franquias

Essa demanda emocional encontrou um terreno fértil na indústria. O retorno dos discos de vinil é o exemplo mais emblemático. Superando o faturamento de CDs em mercados importantes, o vinil atrai consumidores não apenas pela qualidade sonora, mas pela experiência completa: a capa em grande formato, o ritual de colocar a agulha no sulco, a posse de um objeto físico. O mesmo se aplica ao mercado de games retrô, com o relançamento de consoles clássicos em versões “mini” e o sucesso de jogos que imitam os gráficos e a jogabilidade de 8 e 16 bits. Não se vende apenas um jogo, vende-se a sensação de estar novamente na sala de casa, em uma tarde de sábado, sem as preocupações da vida adulta.



No cinema e na televisão, essa estratégia se tornou a regra de ouro de Hollywood. O sucesso estrondoso de "Top Gun: Maverick", que arrecadou mais de 1,4 bilhão de dólares, não se deve apenas às suas cenas de ação, mas à sua capacidade de evocar com precisão o espírito do filme original. Séries como "Stranger Things" são verdadeiras aulas magnas sobre como empacotar a nostalgia: cada detalhe, da fonte dos créditos à trilha sonora, é meticulosamente pesquisado para transportar o espectador diretamente para os anos 80. A lógica dos estúdios é clara: é financeiramente mais seguro investir 200 milhões de dólares em uma franquia com uma base de fãs estabelecida e uma forte carga afetiva do que apostar em uma ideia completamente nova. O resultado é um calendário de lançamentos dominado por reboots, remakes e sequências tardias, de "Jurassic World" a "O Rei Leão", transformando o cinema em uma vitrine de sucessos de ontem.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 22/01/2026”

O Paradoxo da Inovação: Motor Criativo ou Freio Cultural?

A hegemonia da nostalgia levanta uma questão crucial: essa constante reciclagem do passado está impulsionando ou sufocando a criatividade? Por um lado, o diálogo com o passado pode ser um poderoso motor criativo. Artistas que sampleiam músicas antigas, estilistas que reinterpretam silhuetas clássicas e cineastas que homenageiam seus antecessores estão, de fato, construindo sobre um legado cultural rico. A nostalgia, nesse caso, funciona como um repertório compartilhado, uma linguagem comum que permite criar novas obras com camadas de significado. É a prova de que a arte raramente surge do vácuo, mas de uma conversa contínua com a história.



Por outro lado, existe o risco real da

estagnação. Quando a lógica comercial privilegia apenas fórmulas já testadas, o espaço para a inovação radical diminui. A indústria do entretenimento pode se tornar avessa ao risco, aprisionada em um ciclo de repetição onde a próxima grande novidade é apenas uma versão requeitada da última. A superabundância de conteúdo nostálgico pode gerar uma fadiga cultural, onde o público anseia por histórias e estéticas que reflitam os dilemas e

as possibilidades do presente, não as glórias editadas do passado. A Economia da Saudade é, portanto, uma faca de dois gumes: ao mesmo tempo em que oferece conforto e conexão, ela desafia a nossa capacidade de imaginar e construir futuros culturais genuinamente novos. Enquanto o passado continuar sendo o negócio mais lucrativo do presente, o maior desafio será garantir que ele não se torne o único futuro que conseguimos vender.



FILOSOFIA

Existe um Sentido Filosófico no Sofrimento?

Uma Reflexão Profunda sobre a Consciência, Dor e Autoconhecimento na Filosofia Contemporânea



Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"o sofrimento como ponte silenciosa entre experiência e reflexão", argumentando que a dor consciente não é punição, mas convite à profundidade existencial."



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/01/2026"



Sentir nasce do pensar. Cada emoção é sombra e reflexo dos labirintos da mente. Quando os estímulos negativos insistem, o fluxo de pensamentos se adensa, como nuvens pesadas sobre a consciência! Sofrer, então, não é apenas experimentar dor: é atravessar o próprio pensamento e se reconhecer nas fissuras que o mundo insiste em revelar! Como dizia Schopenhauer, "A vida oscila como um pêndulo entre dor e tédio"; nesse pêndulo, o sofrimento nos torna conscientes, nos aproxima de nós mesmos.

O sofrimento é ponte silenciosa entre experiência e reflexão. Ele não surge de maneira aleatória; nasce quando a consciência encontra obstáculos que a obrigam a confrontar o que muitas vezes se deseja ignorar: nossas falhas,

limites, incertezas. Nesse confronto, a dor adquire densidade filosófica, lembrando-nos que pensar e sentir são inseparáveis, que a consciência é ao mesmo tempo luz e sombra, silêncio e grito!



Vivemos tempos de liquidez extrema, onde tudo se move rápido demais, onde relações, ideias e afetos se consomem com urgência e descartabilidade. Nessa velocidade, o sofrimento parece raridade, quase exotismo da alma. Mas é nesse hiato entre o instante efêmero e a atenção plena que a reflexão filosófica encontra seu terreno fértil. Quem sofre, hoje, é aquele que ousa permanecer na densidade do instante, resistindo à distração constante, aceitando o peso de suas próprias reflexões! Nietzsche lembraria que aquilo que nos desafia e nos fere também pode nos fortalecer.



O sentido não está em
ESCAPAR da dor,
mas atravessá-la com
coragem e pensamen-
to. Paradoxalmente,
isso nos leva à
LIBERDADE!

O mal da consciência, então, não é punição, mas convite. É chamada à profundidade, à autenticidade de existir. Quem se acomete desse mal descobre algo raro: a capacidade de enxergar o mundo com nitidez, de perceber que a vida não é apenas movimento superficial, mas tensão e silêncio, alegria e dor entrelaçados. É no sofrimento que a consciência encontra sua voz mais verdadeira, sua chance de questionar, de reinventar, de significar! Kierkegaard nos alertaria que é nesse desespero e nessa ansiedade conscientes que a alma encontra sua verdade.



Não se trata de romantizar a dor. Sofrer não é ato heroico; é condição inevitável da consciência desperta. A filosofia, desde os gregos até os pensadores contemporâneos, sempre buscou compreender o sofrimento não para eliminá-lo, mas para transformá-lo em aprendizado,

reflexão que enriquece a experiência de existir. A dor, quando pensada, deixa de ser tormento e se torna espelho, mapa, alerta e até arte!



Perguntar se há sentido filosófico no sofrimento é aceitar que a consciência é espaço onde luz e sombra coexistem. O sentido não está em escapar da dor, mas em atravessá-la com atenção, coragem e pensamento. Quem se permite sofrer de maneira consciente, longe das distrações líquidas do mundo moderno, encontra na própria dor um caminho de autoconhecimento e, paradoxalmente, de liberdade. Sofrer, então, deixa de ser destino cruel e se transforma em rito íntimo de filosofia vivida!

VOCÊ SENTE QUE VOCÊ OU O SEU NEGÓCIO TEM POTENCIAL, MAS ALGO AINDA ESTÁ TRAVANDO O CRESCIMENTO?

Somos especialistas em criação de logos, artes visuais impactantes e mentoria estratégica de negócios.

QUER SABER COMO FUNCIONA?

81 99590.9237

Mais de 3 mil marcas criadas no Brasil e em mais 16 países.

MAIS DE 200 MASCOTES CRIADOS

MASCOTE PERSONALIZADO R\$100

FILOSOFIA



Virtude: um conceito abandonado?

Uma Reflexão Sobre a Relevância da Excelência Moral na Sociedade Contemporânea



Por Magna Aspásia
COLUNISTA

Professora, consultora educacional, tradutora, escritora, pesquisadora (UFTM-CNPq), graduada em Letras. Mestre na área da Educação-Espanha; Dra em Filosofia Universica-Philosophos Immortalem-Ph.I.Dra.Honoris Causa em Literatura (DRA.h.c.),
@fontenellemagna

A palavra virtude, outrora reverenciada como guia moral e essência do ser humano, parece ter perdido espaço no vocabulário cotidiano. No entanto, ela resiste, silenciosa, mas viva, nas vozes da filosofia, da arte e da consciência. A virtude, do latim virtus, significa força moral, excelência de caráter, nobreza interior. E talvez seja justamente essa força que o mundo moderno mais precise reencontrar.



Séculos depois, os estoicos como Sêneca, Epicteto e Marco Aurélio reforçaram que a virtude é o único bem verdadeiro. A riqueza, o poder e a fama são acessórios frágeis; apenas a integridade interior permanece quando tudo o mais se dissolve.



Na modernidade, porém, o conceito começou a se esvaziar. Nietzsche denunciou a moral tradicional como uma forma de domesticação do homem, e propôs a transvaloração dos valores: a virtude do homem livre seria a de criar sentidos, sem amarras. Já Hannah Arendt, em meio às ruínas do século XX, refletiu sobre a banalidade do mal e o esquecimento da virtude política a



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/01/2026"

responsabilidade individual diante do coletivo.

Hoje, num tempo de velocidade e superficialidade, falar em virtude soa quase antiquado. Mas talvez, como lembrava Sócrates, "a vida sem exame não vale a pena ser vivida". E o exame de si mesmo conduz inevitavelmente à virtude não como moral rígida, mas como lucidez ética.

Virtude é o exercício diário da consciência. É o saber conter-se, agir com justiça, reconhecer o outro como extensão do próprio ser. Num mundo onde o efêmero substitui o essencial, reencontrar a virtude é reencontrar a humanidade.



Platão via na virtude o equilíbrio da alma uma harmonia entre razão, coragem e desejo. Aristóteles, em sua Ética a Nicômaco, afirmava que a virtude é o "justo meio" entre os extremos: a coragem entre a covardia e a temeridade, a generosidade entre o egoísmo e o desperdício. Para ele, a vida virtuosa não era apenas moral, mas profundamente racional: uma escolha deliberada em busca da eudaimonia, o florescimento pleno do ser.



Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates resipiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla mdesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla mdesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

FILOSOFIA

Liberdade x Igualdade: o risco da liberdade desenfreada e o valor da limitação consciente



Por Clayton Zocarato
COLUNISTA

Professor, graduação em Licenciatura em História pelo Centro Universitário Central Paulista (2005) - Unicep - São Carlos - SP, graduação em Filosofia pelo Centro Universitário Claretiano (2016) - Ceucar - Campus de São José do Rio Preto - SP. Formado Especialista em Medicina y Arte com ênfase em Gilles Deleuze e Equizoanálise onde é também pesquisador do Centro de Medicina y Arte de Rosário - Argentina.
@clayton.zocarato

"Uma
Análise
Filosófica
Sobre o
Equilíbrio
Entre
Autonomia
Individual e
Responsabilidade
Social"

Vivemos tempos em que a palavra liberdade é quase unicamente celebrada, como valor último, incontestável, absoluto. No entanto, quando a liberdade é concebida como pura autonomia sem restrições, sem consideração pelos outros, ela corre o risco de se tornar banal: consumista irrestrita, vontade desenfreada, mas sem articulação com a condição humana de viver entre iguais, de respeitar laços, sentimentos, limites. Em contraposição, a igualdade serve como lembrete de que a convivência implica relações, responsabilidades, reconhecimento mútuo.

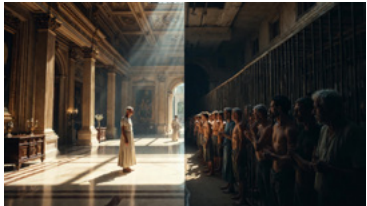


O pensador italiano Norberto Bobbio traz uma contribuição relevante para essa reflexão. Para Bobbio, a liberdade é “um valor para o indivíduo” enquanto a igualdade “é um valor para os indivíduos considerados na relação entre si”.

Ele observa que “o conceito e o valor da igualdade pressupõem ... a presença de uma pluralidade de entes, cabendo estabelecer que tipo de relação existe entre eles”.



Em outras palavras: posso gozar de liberdade, mas esta liberdade só se realiza plenamente se for compatível com a liberdade dos outros, e para que isso aconteça, há necessidade de uma relação de igualdade mínima (como igual consideração de direitos, igual dignidade).



Quando a liberdade não considera o outro, seus sentimentos, sua dignidade, seus limites, ela se torna perigosa. Primeiramente, porque pode gerar um tipo de liberdade que se confunde com egoísmo: “faço o que quero”, “ninguém pode me censurar”, “minha vontade é lei”. Mas esse tipo de liberdade, se totalmente auto-referenciada, ignora que vivemos em sociedade, que cada individualidade encontra fronteiras na alteridade do outro. Em segundo lugar, porque uma liberdade desenfreada pode

provocar desigualdades ainda mais profundas: se alguns exercem a liberdade sem limites e outros encontram barreiras (econômicas, sociais, culturais), cria-se um desequilíbrio que fragiliza a igualdade. Bobbio já alertava que “uma sociedade de livres e iguais é um estado hipotético, apenas imaginado”.

Além disso, o pensamento contemporâneo denuncia que a liberdade formal (liberdade para escolher, para agir) pode conviver com uma ausência de liberdade real, se não houver condições para que o indivíduo viva com dignidade, se não houver igualdade de fato. Por exemplo: escolher onde morar, que emprego ter, mas sem ter condições mínimas de segurança, saúde ou educação é uma liberdade que se torna vazia. A liberdade “superficial” (ou seja, sem esse substrato de consideração humana e de limites) pode tornar-se ilusória ou mesmo perversa.



Portanto, é preciso enfatizar que liberdade não significa ausência total de limites ou respeito irrestrito ao “eu”. Pelo contrário: liberdade genuína implica a capacidade de agir como sujeito, mas justamente na medida em que respeita o outro, reconhece a alteridade, reconhece que viver em comunidade implica co-responsabilidade. Esse é o sentido de reconhecer limites da vida alheia, não como cerceamento arbitrário, mas como reconhecimento de que a liberdade individual alcança sentido pleno quando incorpora o valor da igualdade.

Nesse sentido, cabe refletir sobre os perigos de uma liberdade superficial:

Uma liberdade que se pretende absoluta pode isolar o indivíduo, apagar vínculos, minimizar o respeito pelos sentimentos alheios, e assim empobrecer a vida social. A liberdade sem laços pode virar indiferença.



Desigualdade ampliada: Quando alguns podem exercer “tudo o que querem” em nome da liberdade, enquanto outros ficam impedidos por fatores sociais, econômicos ou culturais, a desigualdade cresce, e isso fragiliza o ideal da convivência igualitária.

Violação da alteridade: O outro, com sua dignidade, seus limites, seus sentimentos, deixa de importar, ou é usado como meio para meu projeto de liberdade. Mas liberdade que instrumentaliza o outro deixa de ser liberdade humana e torna-se dominação.

Liberdade vazia: Sem a condição de igualdade (ou ao menos de uma relação de justa consideração entre pessoas), a liberdade se torna mero aparato formal, sem substância ética ou social. A escolha pode existir, mas sem dignidade, sem respeito, sem sentido comunitário.

Para contrapor, a igualdade não significa obliterar a diferença ou impor uma uniformidade de todas as liberdades. Significa assegurar que cada sujeito possa agir, possa exercer sua

liberdade, mas dentro de uma convivência em que os outros também possam. Bobbio aponta que o modelo liberal e o igualitário tendem a conflitar: “uma sociedade liberal-liberalista é inevitavelmente não-igualitária, assim como uma sociedade igualitária é inevitavelmente não-liberal”.



Mas o desafio moderno, longe de escolher entre liberdade ou igualdade, é conciliar de forma dialógica essas apostas. Uma verdadeira liberdade se experimenta em igualdade de consideração, e uma verdadeira igualdade se sustenta numa liberdade que respeita a singularidade.

Em suma: uma liberdade sem limites humanos, sem respeito à alteridade, aos sentimentos, aos direitos do outro, corre o risco de se tornar irresponsável, desigual e desumana. E uma igualdade sem liberdade corre o risco de ser repressiva ou padronizadora. O ideal é, portanto, uma liberdade crítica e solidária, que reconheça que viver implica um “eu” e um “outro”, e que agir livremente significa também reconhecer o espaço legítimo do outro, sua dignidade, seus sentimentos. Só assim liberdade e igualdade podem verdadeiramente colaborar para uma vida digna, para uma convivência humana, e não para uma liberdade superficial que ignora que o outro existe e tem valor.



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/01/2026”



FILOSOFIA

Vivemos na Caverna de Platão?
Como os Algoritmos se Tornaram as Novas Sombras na Parede

FILOSOFIA
- Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Uma Análise Filosófica
Sobre a Manipulação
Digital da Realidade e a
Busca pela Verdade no
Século XXI"

Há mais de dois milênios, o filósofo grego Platão concebeu uma das mais poderosas alegorias da história do pensamento ocidental. Em sua obra "A República", ele nos convida a imaginar um grupo de prisioneiros acorrentados desde a infância no fundo de uma caverna. Virados para uma parede, tudo o que conhecem do mundo são as sombras projetadas de objetos que passam por trás deles, iluminados por uma fogueira. Para esses prisioneiros, as sombras não são representações. Elas são a própria realidade.



Esta imagem ancestral, que parece distante de nossa era de supercomputadores e conectividade instantânea, nunca foi tão relevante. Hoje, a caverna de Platão foi reconstruída com fibra óptica, e as correntes são forjadas com linhas de código. As sombras na parede não são mais projetadas por uma fogueira, mas por algoritmos complexos que governam nossas redes sociais, plataformas de streaming e motores de busca. Sem perceber, nos tornamos os novos prisioneiros, e nossa percepção do mundo é moldada por um espetáculo de marionetes digital, curado para nos manter engajados, passivos e, acima de tudo, previsíveis.



A Arquitetura da
Caverna Digital

A caverna moderna funciona com uma eficiência que Platão jamais poderia imaginar. Seus arquitetos, as grandes corporações de tecnologia, criaram um ecossistema onde cada clique, cada curtida, cada segundo que passamos olhando para uma imagem ou vídeo é um dado coletado. Esses dados alimentam os algoritmos, cujo objetivo principal não é informar ou educar, mas maximizar o tempo de permanência do usuário na plataforma. Para isso, eles aprenderam uma lição simples sobre a psicologia humana: nós amamos o que já conhecemos e nos sentimos confortáveis com o que confirma nossas crenças.

O mecanismo é sutil e poderoso. O feed infinito do TikTok, as recomendações "para você" do YouTube e as sugestões de amizade do Facebook não são janelas para o mundo; são espelhos. Eles operam com base em um princípio de retroalimentação constante. Ao identificar que um usuário interage com conteúdo de um



IMAGEM GERADA POR IA "usando SEAART AI, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 27/01/2026"

determinado espectro político, por exemplo, o algoritmo passa a entregar, prioritariamente, mais daquele mesmo tipo de conteúdo. O resultado é a criação de uma "bolha informacional" ou "câmara de eco", um ambiente digital hermeticamente fechado onde visões de mundo divergentes se tornam cada vez mais raras, até desaparecerem por completo.



A complexidade desses sistemas vai além da simples recomendação. Eles utilizam técnicas de "filtragem colaborativa", onde o comportamento de milhões de usuários é cruzado para prever o que você vai gostar. Se pessoas com gostos parecidos com os seus assistiram a um vídeo específico até o final, é quase certo que esse vídeo aparecerá em sua tela. Essa lógica cria feudos digitais, onde grupos de pessoas com perfis semelhantes consomem exatamente a mesma dieta informacional, reforçando a identidade do grupo e aprofundando o abismo que os separa dos outros.



Os Guardiões das Sombras e a
Economia da Atenção

Na alegoria de Platão, havia os "portadores de artefatos", as pessoas que caminhavam atrás dos prisioneiros segurando os objetos cujas sombras eram projetadas. Na nossa versão moderna, esses guardiões são as próprias plataformas de tecnologia, e sua motivação é clara: o lucro. Vivemos na era da economia da atenção, um modelo de negócios onde a atenção do usuário é o produto mais valioso, sendo vendido a anunciantes pelo maior lance.



Para manter essa atenção cativa, os algoritmos são projetados para provocar reações emocionais fortes. Conteúdos que geram indignação, medo ou euforia têm um desempenho comprovadamente superior em termos de engajamento. Uma

notícia equilibrada e ponderada raramente se torna viral, mas uma manchete sensacionalista ou uma teoria da conspiração bem elaborada pode viajar pelo mundo em questão de horas. As plataformas não têm, inerentemente, um viés ideológico, mas têm um viés econômico em direção ao que é extremo, polarizador e viciante.

A filósofa e estudiosa de Harvard, Shoshana Zuboff, cunhou o termo "capitalismo de vigilância" para descrever esse modelo. Não estamos apenas usando um serviço gratuito; estamos fornecendo a matéria-prima (nossos dados comportamentais) que é transformada em produtos de previsão e vendida em um novo tipo de mercado. As sombras que vemos na parede não são apenas entretenimento. Elas são iscas cuidadosamente desenhadas para nos manter na caverna, produzindo dados que alimentam uma das indústrias mais lucrativas da história humana.



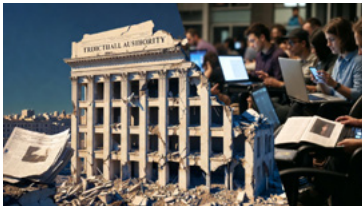
O Impacto na Psique e
na Sociedade

O efeito de viver permanentemente dentro dessa caverna digital é profundo. Em nível individual, ela atrofia nossa capacidade de pensamento crítico. Quando somos constantemente poupados do desconforto de encontrar uma ideia que desafia nossas convicções, nosso "músculo" intelectual para o debate e a argumentação se enfraquece. O mundo exterior, com sua complexidade, nuances e contradições, começa a parecer ameaçador e confuso. A segurança da caverna, com suas sombras familiares e previsíveis, torna-se um refúgio.

Socialmente, as consequências são catastróficas. As bolhas informacionais são o combustível da polarização extrema que define nossa era. Grupos políticos e sociais passam a viver em realidades paralelas, consumindo "fatos" e narrativas completamente diferentes sobre os mesmos eventos. O diálogo se torna impossível, pois não há mais um terreno comum de fatos compartilhados sobre o qual a conversa possa ocorrer. Cada lado enxerga o outro não como um grupo de cidadãos com opiniões diferentes, mas como pessoas iludidas ou mal-intencionadas, que assistem a um conjunto diferente e perigoso de sombras.



Essa fratura social é visível em debates sobre tudo, desde políticas públicas e eleições até questões científicas como vacinas e mudanças climáticas. A confiança nas instituições tradicionais, como a imprensa e a academia, que historicamente serviam como árbitros de uma realidade compartilhada, é erodida. Por que confiar em um jornal quando sua "tribo" digital oferece uma explicação muito mais coesa e satisfatória para os eventos do mundo, uma que se encaixa perfeitamente em sua visão preexistente?



A Jornada para Fora da Caverna:
Um Manual de Fuga

Se a situação parece sombria, é porque é. No entanto, a alegoria de Platão não termina com os prisioneiros na escuridão. Ela narra a difícil jornada de um prisioneiro que é libertado e forçado a sair da caverna. A luz do sol a princípio o cega e o machuca, e a realidade parece menos "real" do que as sombras a que estava acostumado. Mas, gradualmente, seus olhos se ajustam, e ele passa a compreender o mundo como ele verdadeiramente é. Sair da caverna digital é igualmente uma jornada difícil, que exige esforço consciente em múltiplas frentes.

Primeiro, a fuga é um ato individual de consciência e disciplina digital. Isso significa transformar o consumo passivo de informação em uma busca ativa. Envolve o esforço deliberado de seguir fontes e pessoas com visões de mundo diferentes das suas, não para brigar, mas para entender. Significa usar ferramentas como feeds RSS ou visitar diretamente os sites de notícias, em vez de depender do que o algoritmo decide mostrar. Pausas digitais, ou "detox", também são cruciais para permitir que a mente se reajuste a um ritmo menos frenético e a uma realidade não mediada por uma tela.



Segundo, a solução passa pela educação. É imperativo que a alfabetização midiática e o pensamento crítico sejam ensinados nas escolas desde cedo. As futuras gerações precisam aprender não apenas a usar a tecnologia, mas a questioná-la. Devem entender como os algoritmos funcionam, qual é o modelo de negócios por trás das plataformas "gratuitas" e como identificar desinformação e manipulação. Uma população

educada digitalmente é a primeira e mais forte linha de defesa contra a tirania das sombras.



Terceiro, precisamos exigir mais das próprias plataformas de tecnologia. A transparência algorítmica não pode ser opcional. Os usuários devem ter o direito de saber por que um determinado conteúdo lhes foi recomendado e devem ter controle real sobre seus feeds, como a opção de um feed puramente cronológico. O design das plataformas, que hoje otimiza para o vício, pode e deve ser repensado para otimizar para o bem-estar do usuário e para a saúde do discurso cívico.



Finalmente, a discussão sobre regulação é inevitável. Assim como leis foram criadas para garantir a segurança de alimentos e veículos, talvez seja hora de considerar uma regulação mais robusta para os algoritmos que moldam nossa sociedade. Questões sobre privacidade de dados, responsabilidade por danos causados pela disseminação de desinformação e práticas monopolistas precisam ser enfrentadas pelos legisladores.



O desafio final não é destruir a tecnologia, mas aprender a dominá-la, a usá-la como uma janela para o mundo real, em vez de permitir que ela se torne a parede onde somos forçados a assistir a um espetáculo infinito de sombras. A jornada para fora da caverna digital é talvez a mais importante de nosso tempo, uma busca coletiva e individual pela luz de uma realidade compartilhada, mesmo que ela seja, a princípio, dolorosamente ofuscante.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.

COMPORTAMENTO

Amizade e Relacionamentos na Adolescência

A Importância das Conexões Humanas na Formação da Identidade Juvenil



Por Claudia Faggi
COLUNISTA

Jornalista Diplomada, Roteirista, Apresentadora de Televisão, Apaixonada pela sétima arte, Empreendedora digital do canal tudo_sobre cinema, Mulher e Mãe em construção.
@tudo_sobrecinema

"As amizades e os relacionamentos da adolescência não são apenas parte de uma fase passageira são pilares que ajudam a construir quem cada jovem será no futuro"

A importância das amizades nesse período da vida, os aprendizados das primeiras relações e como elas marcam a juventude.

Quando eu era adolescente eu tinha muitas amizades, algumas foram temporárias, outras se estenderam pela vida e permanecem até hoje.

Amigos da escola, amigos da rua de casa, amigos da rua da casa da amiga, amigos dos

amigos, amigos para dançar, para conversar, para rir e para chorar.

E como essa interação despretenhosa fez diferença na minha vida e na minha formação.

A palavra que definiu essa minha fase foi "Aprendizado".



Quando o meu filho começou a interagir com as outras crianças foi um dos momentos mais especiais pra mim. Confesso que participei de muitas brincadeiras para facilitar a conexão do Luiz Fernando com as outras crianças. Depois que a brincadeira tomava forma eu me retirava como um ator veterano em uma peça de teatro, deixando o protagonismo de lado.



Com o tempo as amizades se tornaram naturais na vida do meu filho e hoje além de ter vários amigos eu assisto satisfeita a forma de interagir que foi criada naturalmente por ele.



Durante a adolescência, as amizades e os primeiros relacionamentos ganham um papel fundamental na formação da identidade. É

nesse período que muitos jovens começam a se conhecer melhor, a descobrir seus gostos, valores e limites, e as conexões com outras pessoas se tornam parte essencial desse processo.

As amizades, em especial, oferecem um espaço de acolhimento e compreensão. Entre risadas, segredos e desabafos, os adolescentes aprendem o valor da empatia, da confiança e da convivência. Ter amigos próximos ajuda a lidar com os desafios típicos dessa fase, como as inseguranças, as mudanças no corpo e as pressões sociais.

Além disso, os primeiros relacionamentos amorosos também trazem importantes aprendizados. São experiências que ensinam sobre respeito, responsabilidade emocional e a importância da comunicação. Mesmo quando não duram, deixam marcas que ajudam o jovem a entender melhor o que busca em futuras relações.

Segundo especialistas em psicologia, o apoio dos amigos e a vivência das primeiras relações contribuem para o desenvolvimento da autoestima e da maturidade emocional. Por isso, é essencial que os adolescentes possam viver essas experiências de forma saudável, com liberdade, diálogo e orientação.

No fim, as amizades e os relacionamentos da adolescência não são apenas parte de uma fase passageira, são pilares que ajudam a construir quem cada jovem será no futuro.

Algumas dicas para os adolescentes a fazer amigos. Porque sim, nós podemos ajudar.

- 1 - Ofereça suporte emocional.
- 2 - Incentive a interação.
- 3 - Convide outras crianças para a sua casa.
- 4 - Conte histórias sobre amizade.
- 5 - Dê o exemplo.
- 6 - Tente manter a neutralidade.
- 7- Respeite a personalidade do seu filho.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/01/2026"

Adolescência e Cultura Pop: quando a arte conversa com os jovens

Por Claudia Faggi
COLUNISTA



A adolescência é um período marcado por descobertas, transformações e busca por identidade. Nesse caminho, a cultura pop surge como um espelho e, ao mesmo tempo, uma inspiração para milhões de jovens. Séries, músicas, filmes, games e até memes influenciam a forma como os adolescentes se vestem, falam e enxergam o mundo.

Nos últimos anos, plataformas como Netflix, TikTok e Spotify têm sido palco de tendências que moldam o universo adolescente. Séries como Stranger Things e Euphoria, por exemplo, não apenas entretêm, mas levantam debates sobre amizade, aceitação, saúde mental e diversidade. Já na música, artistas como Billie Eilish, Anitta e Travis Scott tornam-se ídolos justamente por expressarem emoções intensas e questões vividas nessa fase da vida.



A cultura pop também oferece espaços de pertencimento. Fãs que compartilham interesses em K-pop, animes ou super-heróis se reúnem em comunidades, sejam elas presenciais ou online, criando redes de apoio e amizade. Para muitos adolescentes, gostar de um mesmo artista ou saga vai além do lazer: é uma forma de construir identidade.

Por outro lado, especialistas lembram que é preciso olhar com atenção para os impactos desse consumo. A pressão estética de influenciadores digitais, a comparação constante em redes sociais e a idealização de estilos de vida podem gerar

frustrações e inseguranças. O equilíbrio entre diversão e senso crítico se torna essencial.

No fim, a cultura pop é parte da voz da adolescência. Ela traduz sonhos, conflitos e emoções dessa fase intensa da vida — e mostra que, mesmo em meio a tantas mudanças, os jovens têm muito a dizer e a expressar.

Eu gosto sempre de enfatizar que a primeira infância é a melhor oportunidade de passar a nossa cultura para eles. Não como imposição, sugiro que seja um presente.

Quando Luiz Fernando era pequeno nós íamos para museus, assistíamos espetáculos, peças de teatro, fomos a shows de Rock, passávamos a tarde na livraria e em casa construíamos o cantinho da arte.

Nesse cantinho da arte tudo era possível! Escrever, ler, pintar, fazer esculturas e brincar usando a imaginação para que tudo fosse leve, para que esse processo fosse livre e principalmente para que o nosso filho soubesse o valor da arte e que ela representa a história da humanidade.



Essa é a minha dica!

Uma dica de experiência, onde cada um pode fazer do seu jeito, mas que nunca podemos esquecer que a arte resgata vidas.

Conhece-la é fundamental para escolher, afinal é necessário ir muito além do universo pop. O céu é o limite!

Mergulhe com o seu filho pela história da arte. Ele vai perceber que o passado explica o presente e que o presente prevê o futuro.

Temos o mundo em nossas mãos.



Clique na imagem com esse ícone para ser direcionado ao site e fazer seu comentário. Os melhores comentários de cada matéria serão publicados na próxima edição do Jornal.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2026"

COMPORTAMENTO

Mindfulness no Trabalho: Foco e Calma em Ambientes de Alta Pressão



Por Drika Gomes
COLUNISTA

MBA em Neurociência, filósofa, hipnoterapeuta, psicanalista e escritora. Especialista em Neurociência da Música. Fundadora da Jornada da Alma e do programa Alquimia da Mente. Autora do livro Coisas que a gente faz e põe tudo a perder. Professora e palestrante sobre música, mente e transformação emocional.

@drikagomes_psiq

"Como a Neurociência Musical e Atenção Plena Transformam Empresas"

Quem nunca sentiu o coração acelerar diante de prazos apertados, reuniões intermináveis ou a sensação de que o dia não terá horas suficientes? A pressão no ambiente de trabalho é hoje uma das maiores fontes de desgaste físico e emocional. Segundo dados da Organização Mundial da Saúde, o estresse ocupacional já é considerado um dos principais fatores de adoecimento mental e queda de produtividade nas empresas modernas.



Nesse cenário, o mindfulness, ou atenção plena, deixou de ser visto apenas como uma prática de bem-estar individual e passou a ser adotado por organizações que desejam cuidar da saúde de seus colaboradores e, ao mesmo tempo, potencializar resultados. Afinal, uma mente sobrecarregada não consegue tomar boas decisões nem manter relações saudáveis no ambiente corporativo.

O que a neurociência mostra

Pesquisas recentes confirmam que a prática de mindfulness altera fisicamente o cérebro. O córtex pré-frontal, região ligada ao raciocínio estratégico, planejamento e foco, se fortalece com exercícios regulares de atenção plena. Já a amígdala, centro responsável pela resposta ao estresse e ao medo, reduz sua hiperatividade. Na prática, isso significa menos ansiedade e mais clareza diante de situações de pressão.



A ciência também revela que durante práticas de mindfulness ocorre maior liberação de serotonina e dopamina, neurotransmissores relacionados à sensação de bem-estar, motivação e equilíbrio emocional. É como se o cérebro fosse "reprogramado" para responder de forma mais calma e eficiente, em vez de reagir apenas no modo de alerta.

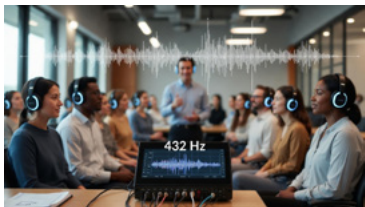
Não à toa, muitas empresas globais já implementaram programas de atenção plena. Gigantes como Google e SAP relataram aumento de engajamento, criatividade e até melhora na retenção de talentos após a introdução de momentos de pausa consciente no expediente.

O diferencial: música e práticas guiadas

No meu trabalho como neurocientista musical e psicanalista, tenho observado de perto esse impacto. Levar saúde mental às empresas vai além de palestras motivacionais: é criar experiências sonoras e guiadas que proporcionam resultados imediatos e sustentáveis.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 21/01/2026"



O uso de músicas na frequência 432 Hz é um dos recursos que aplico com frequência. Diferente do padrão musical tradicional em 440 Hz, estudos apontam que o 432 Hz gera maior sensação de harmonia no sistema nervoso, promovendo relaxamento profundo e equilíbrio das ondas cerebrais. Quando essa música é associada a práticas de respiração consciente e meditações rápidas, o efeito é notável: redução da tensão muscular, melhora na concentração e até mais empatia no trato entre colegas.

Muitas empresas que recebem esse trabalho relatam mudanças perceptíveis no clima organizacional. Inserir momentos estratégicos de pausa sonora ao longo do dia se traduz em maior foco coletivo, relacionamentos mais

saudáveis e, consequentemente, aumento da produtividade. É uma prova concreta de que cuidar da mente não é gasto, mas investimento.

Como aplicar no cotidiano corporativo

Existem diversas formas de integrar mindfulness ao ambiente de trabalho sem grandes custos ou complicações:

- Respiração consciente: pausar por apenas 2 a 3 minutos para inspirar e expirar profundamente já é suficiente para reduzir a frequência cardíaca e acalmar a mente.
 - Pausas sonoras em 432 Hz: cinco minutos diários ouvindo música nesta frequência podem restaurar o equilíbrio emocional da equipe.
 - Reuniões mindful: iniciar encontros com 1 minuto de silêncio ou respiração conjunta cria foco e diminui a dispersão.
 - Ambientes preparados: disponibilizar espaços de pausa com sons suaves e iluminação adequada ajuda a consolidar uma cultura de bem-estar.
- Essas práticas, embora simples, funcionam como pequenas "âncoras" ao longo do dia, lembrando que produtividade não precisa estar dissociada de saúde mental.

Mais que produtividade: saúde e humanidade

É preciso quebrar o paradigma de que investir em bem-estar dentro das empresas é perda de tempo. Pelo contrário: trabalhadores saudáveis e conscientes produzem mais, cometem menos erros e constroem equipes mais colaborativas. O mindfulness, aliado ao poder da música em frequências específicas como 432 Hz, não apenas transforma a rotina, mas resgata o que há de mais humano em cada colaborador.

Em um mundo acelerado e competitivo, cultivar a calma se torna quase um ato revolucionário. Empresas que escolhem adotar esse caminho não estão apenas melhorando indicadores de produtividade, mas também formando culturas organizacionais mais conscientes, empáticas e sustentáveis.

Porque, no fim das contas, o verdadeiro sucesso empresarial não está apenas nos números, mas na qualidade das pessoas que constroem esses resultados, e nada é mais valioso do que uma mente em equilíbrio.

Rotinas matinais: como começar o dia com mais energia e foco?



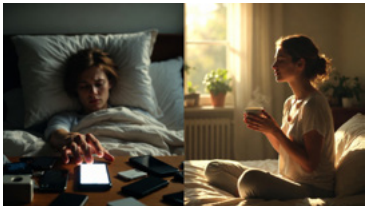
Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-graduação em Linguística. Atua nos ensinamentos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Acordar com o despertador do celular tornou-se a rotina de boa parte da humanidade em idade ativa (entre 15 e 64 anos). É natural, então que, mal abertos os olhos, já se chequem as notificações e se inicie o processo infinito de rolar a tela em busca de "não perder nenhuma informação importante". Apesar disso, vale lembrar que a forma como investimos nas primeiras horas do

dia é decisiva para a nossa qualidade de vida. O que entendemos como "produtividade" pode resultar em estados de saúde preocupantes. Isso porque é provado que, de maneira oposta, o contato imediato e prolongado com a tela logo ao acordar pode resultar na perda de foco nas horas seguintes.



Diante disso, não é coincidência que muitos empreendedores, como documentado em publicações como a Entrepreneur Magazine e livros de best-sellers como "The Miracle Morning", defendam a criação de um "ritual matinal". Isso seria a chave para um dia mais focado e com menos ansiedade. Ao invés de apertar o botão "soneca", sugere-se a construção de uma rotina matinal intencional e cientificamente testada.

Entende-se que o nosso "cérebro matinal" está mais receptivo à criação de hábitos. Isso porque as práticas matinais atuam diretamente no sistema nervoso, retirando-o do estado de alerta (ou inércia), em direção à ação consciente. Sendo assim, estudos de comportamento, publicados por periódicos balizados, como Harvard Business Review, propõem práticas matinais capazes de ativar o cérebro para a construção de uma mentalidade de desenvolvimento pessoal.

Dentre inúmeras sugestões de práticas pessoais, sugerem-se as atividades físicas, como o principal antídoto contra a inércia. Seja por meio de alongamentos ou exercícios leves ou até de treinos mais intensos, com musculação e cárdio, rotinas de exercícios físicos são excelentes para a manutenção da saúde de maneira global. Como ganho extra, esse "despertar físico", com vistas ao condicionamento do corpo, conta com elevação dos níveis de endorfina e o aumento do fluxo sanguíneo para o córtex pré-frontal, área do cérebro responsável pelo planejamento e pela tomada de decisões.

Em acréscimo, são sugeridas práticas de condicionamento mental, por meio de meditação ativa ou de estratégias de planejamento. Para o desenvolvimento da capacidade de atenção plena, também são muito bem-vindos momentos de silêncio e de oração; ou até mesmo práticas simples, como anotações das prioridades do dia em agenda física. Se empregados de maneira estratégica, esses mecanismos, aparentemente simples, podem combater a ansiedade do "muito a fazer" e, consequentemente, transformar um possível "dia caótico" em uma vivência organizada e mais gratificante.

Como professora de Língua Portuguesa, a minha sugestão é ainda mais simples: depende apenas de se ter um livro (mesmo que em versão digital!). Trata-se da leitura diária, hábito que atua como um desvio cognitivo de alta potência.

Prova disso é um estudo desenvolvido desde 2009 pela Universidade de Sussex (Inglaterra), que quantificou essa eficácia, revelando que apenas seis minutos de leitura

por dia podem reduzir os níveis de estresse em 68%! Impressionante, não é? Esse alívio é muito superior a outras atividades relaxantes comuns, como ouvir música (61%) ou tomar uma bebida quente (54%). Por quê? A leitura força a mente a focar em um universo fictício ou narrativo, distraíndo-a ativamente dos pensamentos ansiosos, o que naturalmente desacelera o ritmo cardíaco e alivia a tensão muscular acumulada.

Foi com base nesta evidência científica sobre o poder da literatura, que desenvolvemos o projeto "6 minutos só meus". Trata-se de um convite para o investimento intencional no desenvolvimento pessoal. Nesse tempo curto, dedica-se à leitura profunda de literatura canônica, capaz de nutrir o intelecto e ressignificar emoções.

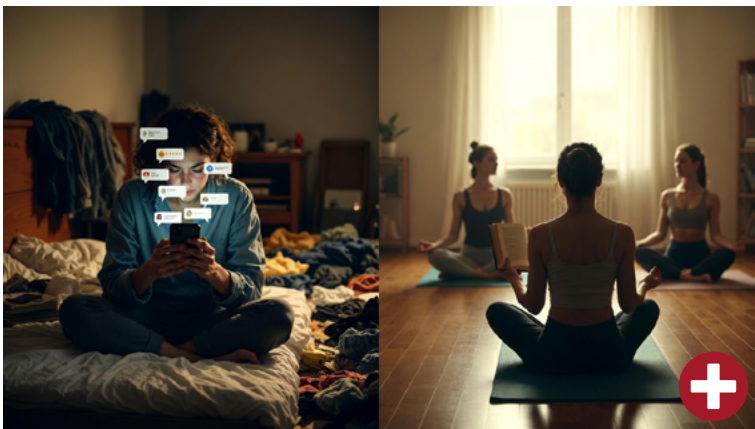


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 26/01/2026"

SAÚDE & BEM-ESTAR

O retorno à cozinha caseira: um caminho para a saúde familiar



Por Renata Munhoz
COLUNISTA

Doutora em Filologia pela USP, com pós-doutorado em Linguística. Atua nos ensinos básico e superior, além de cursos preparatórios e português para estrangeiros. Experiência internacional como trainer pelo British Council. Possui certificações e vivências internacionais, como a de Trainer pelo programa Core Skills do British Council. Cria e ministra treinamentos empresariais originais. Autora de textos acadêmicos, científicos e literários.

@profarenatamunhoz

Basta rolar a tela em qualquer rede social para assistir a centenas de vídeos com dicas de receitas culinárias. Cozinhar voltou a ser uma prática reconhecida socialmente. Isso porque muitos são os estudos que associam a longevidade e a qualidade de vida a dietas de alimentação balanceada e saudável. Comer bem, com alimentos orgânicos e de processamento lento, voltou a ser uma prática de destaque social, sobretudo pelo custo elevado dos alimentos mais nutritivos.



Sendo assim, a alimentação deixa de ter como finalidade única a sobrevivência. Ela representa um meio de construção e manutenção dos laços afetivos, afinal no ritmo da vida cotidiana, poucas famílias conseguem sequer se reunir no momento das refeições, quiçá cozinhar em grupo.

Já não se discute o alto preço à saúde do consumo constante dos alimentos ultraprocessados. É do senso comum que a conveniência e a rapidez da ingestão de produtos industrializados repercute em graves distúrbios da saúde. Nesse contexto, o retorno ao hábito ancestral de alimentos preparados em casa não é apenas um resgate da tradição, mas uma estratégia fundamental para a saúde familiar e do fortalecimento dos laços afetivos.



A culinária doméstica, como explica Michael Pollan em *Cooked: A Natural History of Transformation*, é um dos pilares da cultura humana, além de representar um ato de carinho e cuidado com os familiares. Cozinhar em casa é uma prática que contém em si duas etapas de empenho pessoal: a cuidadosa curadoria dos ingredientes e o domínio dos métodos de preparo.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 23/01/2026"



Quanto à curadoria, a busca pela qualidade nutricional costuma contar com a seleção de alimentos naturais, in natura ou minimamente processados, como vegetais, grãos e carnes frescas. Essa seleção é a base de uma dieta saudável e equilibrada, conforme consistentemente recomendado pelos Relatórios da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Sobre o método de preparo dos alimentos, entende-se que a prática possa representar consistente forma de desenvolver a criatividade e garantir o senso de realização no ambiente doméstico, dentre outras tarefas rotineiras que costumam ser consideradas socialmente "inglórias".

Além dos benefícios óbvios para a saúde física e mental, o ato de cozinhar em casa impacta diretamente na conexão familiar. A cozinha, historicamente o coração do lar, tem o poder de unir. A renomada cronista gastronômica Nina Horta ressalta a importância da culinária afetiva, aquela que reconecta as pessoas à sua história e aos seus entes queridos por meio dos sentidos do paladar e do olfato.

Não costumo escrever em primeira pessoa, mas neste texto tomo a liberdade de trazer um depoimento pessoal, com o exemplo do Fábio Retta, meu marido, um cozinheiro apaixonado pelas minúcias das receitas. Para ele, o ato de cozinhar começa bem antes da panela: ir ao supermercado ou ao hortifruti, escolhendo pessoalmente os melhores ingredientes, é o passeio mais interessante que pode existir, um ritual de carinho e dedicação. Ele usa sua balancinha de precisão para pesar todos os ingredientes. Essa prática chama a atenção de nosso filho de 7 anos, que costuma se envolver nos preparos de maneira colaborativa.



Esse exemplo pessoal mostra que cozinhar em sua própria casa pode significar mais do que mero um fardo a ser cumprido diariamente. Ao contrário, pode representar uma forma potente de, a partir de receitas simples, envolver todos os membros da família com vistas a planejar as refeições em prol da saúde e da integração familiar.

Isso porque cenários de cozinha promovem interação familiar e permitem que os adultos e as crianças desenvolvam habilidades essenciais e criem memórias afetivas longe das telas. Afinal, quanto mais receitas reais são preparadas, menos minutos são empregados na rolagem das telas e, por consequência, os conceitos de "conexão" e de "compartilhamento" voltam a integrar a vida real e não apenas a digital.



Participe do Edital da Revista The Bard

37ª EDIÇÃO

DO SILÊNCIO ÀS PÁGINAS IMPRESSAS: O Papel da Tipografia na Democratização da Informação no Brasil

Clique aqui

Edital Maio e Junho aberto até dia 31/03/2026.

SAÚDE & BEM-ESTAR

Jejum de Dopamina: A Chave para Recuperar o Foco na Era da Distração Infinita?

SAÚDE & BEM-ESTAR
Leia o artigo completo no Site

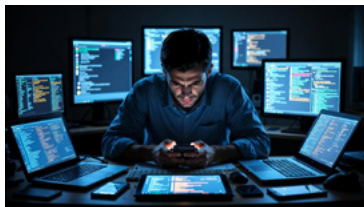
POR
The Bard News, Redação

"Como o Detox Digital Pode Reeducar Nosso Cérebro e Reconquistar a Capacidade de Concentração Perdida"



A cena é familiar para quase todos nós: o dia termina com uma sensação de esgotamento, mas com a frustrante percepção de que pouco foi de fato realizado. A lista de tarefas permanece intacta, a mente parece nublada e a ansiedade pulsa silenciosamente. Onde foram parar as horas? A resposta, muitas vezes, está na palma da nossa mão, vibrando com notificações, piscando com curtidas e oferecendo um fluxo interminável de conteúdo. Vivemos imersos na era da distração infinita, e nossa saúde mental está pagando o preço.

Nesse cenário de sobrecarga digital, uma tendência ganha força e adeptos em busca de um alívio: o jejum de dopamina. O nome pode soar extremo, quase como uma privação autoimposta do prazer. Contudo, a proposta é mais sutil e profunda. Não se trata de eliminar a alegria da vida, mas de reeducar um cérebro que se tornou dependente de estímulos rápidos e artificiais. Seria este "detox digital" a solução para reconquistar nosso foco, nossa paz interior e nossa produtividade?



Desvendando a Dopamina: O Motor da Motivação

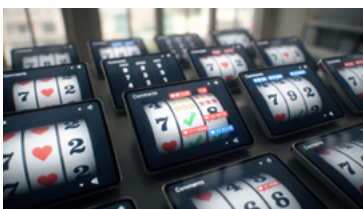
Para entender o conceito do jejum, primeiro é preciso corrigir um erro comum sobre a dopamina. Popularmente conhecida como o "neurotransmissor do prazer", sua função é, na verdade, mais complexa. A dopamina não é a recompensa em si, mas sim o motor que nos impulsiona em direção a ela. É a molécula da antecipação, do desejo e da motivação.

Ela é liberada quando antecipamos algo bom, seja uma refeição saborosa, uma interação social ou a conclusão de uma tarefa. É o que nos faz levantar da cama para buscar o café, o que nos move a trabalhar em um projeto na expectativa do resultado. O problema não está na dopamina, mas no que a tecnologia moderna fez com seu delicado sistema de funcionamento.



O Sequestro Digital do Nosso Sistema de Recompensa

As plataformas digitais, de redes sociais a aplicativos de streaming, são projetadas com uma precisão cirúrgica para explorar nosso sistema dopaminérgico. Cada curtida, cada comentário, cada nova postagem no feed funciona como um pequeno e imprevisível pulso de recompensa. É o princípio da "recompensa variável intermitente", o mesmo que torna as máquinas de caça-níqueis tão viciantes. Nunca sabemos quando virá o próximo estímulo positivo, então continuamos a verificar, a rolar a tela, a atualizar a página.



Essa estimulação constante e de alta frequência cria um ciclo perigoso. O cérebro, inundado por esses picos artificiais de dopamina, começa a se adaptar. Os receptores de dopamina perdem a sensibilidade, um processo conhecido como regulação para baixo. Na prática, isso significa que precisamos de estímulos cada vez maiores para sentir o mesmo nível de motivação ou satisfação.

O resultado é uma apatia generalizada. Atividades que antes eram prazerosas, como ler um livro, caminhar ao ar livre ou ter uma conversa profunda, parecem entediadas e sem graça. Elas não oferecem a mesma descarga dopaminérgica instantânea que um vídeo curto ou uma notificação. Nosso cérebro foi "sequestrado", condicionado a desejar apenas o próximo clique, a próxima atualização, a próxima dose digital.



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok" sob a direção de J.B Wolf, Criada em 10/01/2026"

O Jejum de Dopamina: Resetando o Cérebro

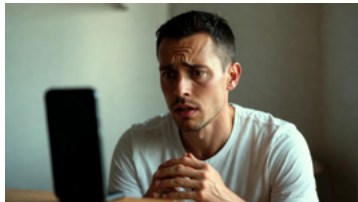
É aqui que entra o jejum de dopamina. Popularizado pelo psiquiatra californiano Dr. Cameron Sepah, o termo refere-se a uma prática de se abster temporariamente de comportamentos impulsivos que ativam o sistema de recompensa de forma problemática. É crucial entender: o objetivo não é evitar a dopamina, o que é impossível e indesejável, mas sim reduzir a exposição a estímulos de gratificação instantânea.

O jejum permite que os receptores de dopamina do cérebro "descansem" e se recuperem. Ao cortar o fluxo incessante de estímulos digitais, damos a eles a chance de voltar ao seu estado normal de sensibilidade. A meta é que, após o período de abstinência, atividades simples e naturais voltem a ser percebidas como recompensadoras e prazerosas. É como limpar o paladar após consumir alimentos muito açucarados para poder apreciar novamente o sabor sutil de uma fruta.

Uma Jornada Prática: Acompanhando um Detox Digital

Imagine a rotina de Marcos, um profissional de marketing de 32 anos. Ele se sentia constantemente ansioso, procrastinava tarefas importantes e passava horas rolando o feed de redes sociais sem propósito. Decidido a mudar, ele se propôs a um jejum de dopamina de uma semana.

As regras eram claras: nada de redes sociais, vídeos online ou jogos no celular. O trabalho seria feito em blocos de foco, com o celular em outro cômodo. As primeiras 48 horas foram, segundo ele, "agonizantes". O tédio era imenso, e o impulso de pegar o celular para "verificar algo rapidinho" era quase incontrolável. Ele se sentia inquieto e irritado.



No entanto, a partir do terceiro dia, algo começou a mudar. O tédio forçou Marcos a procurar outras atividades. Ele desenterrou um violão antigo, começou a ler um romance que estava na estante há meses e passou a fazer caminhadas mais longas no parque perto de casa. Pela primeira vez em muito tempo, ele conseguiu se concentrar em um relatório de trabalho por mais de duas horas seguidas. No final da semana, o sentimento era de clareza. "Eu me sentia mais calmo, mais presente. O mundo parecia ter mais cores, mais texturas. Eu percebi que não estava perdendo nada importante online, mas estava perdendo a vida que acontecia bem na minha frente", relatou.

Um Guia para Começar seu Próprio Jejum

A experiência de Marcos ilustra o potencial da prática. Para quem deseja experimentar, não é preciso tomar medidas radicais imediatamente. O processo pode ser gradual e adaptado à realidade de cada um.

1. Identifique os Comportamentos Problemáticos: O primeiro passo é a autoconsciência. Quais são os seus gatilhos? É a rolagem infinita no Instagram? São as notificações do trabalho fora do horário? É o consumo de notícias 24 horas por dia? Seja específico e honesto consigo mesmo.

2. Defina Regras Claras e Atingíveis: Comece com um período curto. Por exemplo, proponha-se a ficar uma hora por dia sem o celular, ou determine um "toque de recolher digital", desligando todos os aparelhos eletrônicos após

as 21h. Outra regra pode ser não usar o celular durante as refeições.

3. Substitua, Não Apenas Remova: O vácuo deixado pela ausência dos estímulos digitais precisa ser preenchido. Planeje atividades analógicas que você goste ou queira experimentar: praticar um esporte, aprender um instrumento, cozinhar uma nova receita, encontrar amigos pessoalmente, ou simplesmente sentar em silêncio e organizar os pensamentos.

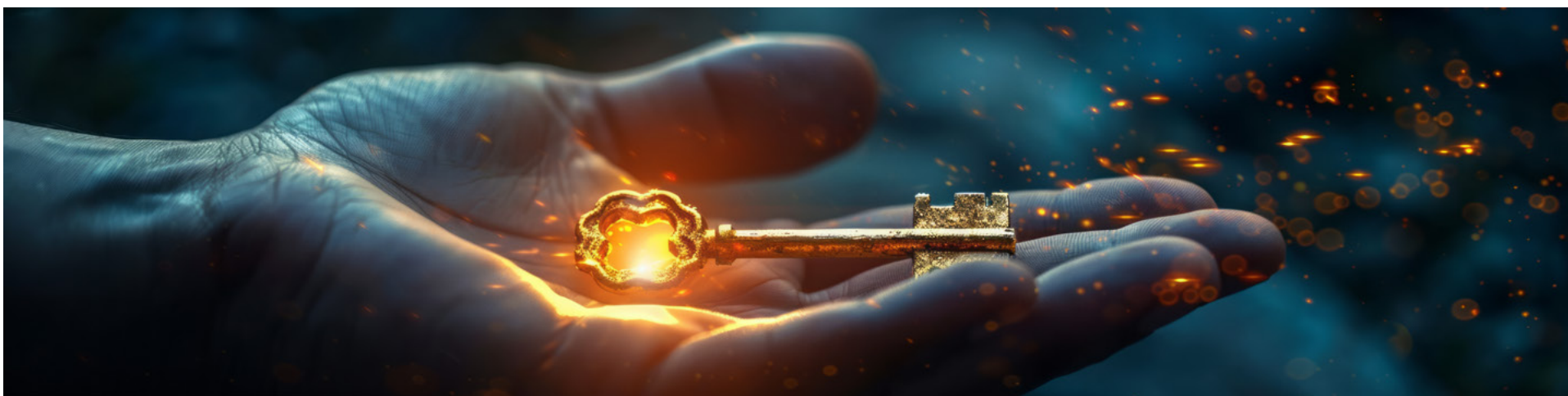
4. Encare o Desconforto Inicial: Espere sentir tédio, ansiedade e uma forte vontade de voltar aos velhos hábitos. Isso é normal e é um sinal de que o cérebro está começando a se reajustar. Encare esse desconforto como parte do processo de cura.

5. Reintegre a Tecnologia com Intenção: O objetivo final não é viver como um eremita digital, mas desenvolver uma relação mais saudável e intencional com a tecnologia. Após o período de jejum, ao reintroduzir os aplicativos e plataformas, faça isso com um propósito claro. Use as redes sociais para se conectar com pessoas específicas, e não para consumir conteúdo passivamente.

Recuperando as Rédeas da Nossa Atenção

O jejum de dopamina não é uma panaceia milagrosa, mas sim uma ferramenta poderosa de autoconhecimento e autocontrole em um mundo projetado para nos manter distraídos. Ele nos convida a questionar nossa relação com a tecnologia e a reconhecer o valor inestimável do nosso foco e da nossa saúde mental.

Ao reduzir a cacofonia digital, permitimos que a sinfonia sutil da vida real volte a ser audível. Redescobrimos o prazer em uma conversa sem interrupções, a beleza de uma paisagem observada com atenção plena e a profunda satisfação de concluir uma tarefa com foco total. Em última análise, a prática nos ensina que a verdadeira recompensa não está na próxima notificação, mas na capacidade de estar verdadeiramente presente em nossa própria vida.



EDUCAÇÃO

Por que a tradição da leitura clássica está desaparecendo?

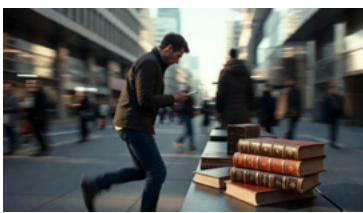


Por Jeane Tertuliano
COLUNISTA

Professora, escritora e palestrante. Graduada em Letras, possui pós-graduações em Educação Especial e Inclusiva, além de Literatura Africana, Indígena e Latina. Também é Terapeuta Comportamental e Psicanalista Clínica e Forense. Autista (com AH, TDAH e baixa visão)

@jeanetertuliano

"Uma Reflexão Sobre a Urgência Moderna e a Resistência da Literatura Atemporal"



Vivemos em uma era que idolatra o imediato! Tudo pulsa em velocidade, como se o tempo estivesse sempre prestes a nos escapar pelos dedos. A vida moderna exige movimento, resultados rápidos, respostas prontas. Nesse ritmo vertiginoso, a leitura clássica parece se tornar um luxo quase anacrônico. Ler um romance de séculos passados soa, para muitos, como um ato de resistência.

Os clássicos pedem silêncio. Pedem pausa. Pedem entrega! E o mundo atual não sabe mais esperar. A leitura profunda, aquela que exige introspecção e paciência, colide com a urgência das notificações e o frenesi das telas. O leitor contemporâneo, distraído por promessas instantâneas, raramente se demora em páginas densas, que pedem mais do que simples decodificação de palavras: pedem alma!

Preservar a base literária nunca foi tão desafiador. Não porque os livros tenham perdido o valor, mas porque o leitor perdeu o tempo. A pressa tornou-se a nova linguagem universal.

E, nessa fluência apressada, ler Virginia Woolf, Jane Austen, Emily Brontë ou Clarice Lispector passou a parecer um ato obsoleto, quando na verdade é um gesto de lucidez!

O desaparecimento da leitura clássica não é apenas um fenômeno cultural; é também um sintoma existencial. Revela o quanto temos fugido da profundidade para habitar a superfície.

Os clássicos nos convidam a encarar o espelho do humano, suas contradições, paixões, misérias e grandezas. Mas olhar para dentro dá trabalho, e poucos querem lidar com o próprio abismo.

A tradição da leitura clássica desaparece porque o mundo se acostumou com o efêmero. As palavras que duram assustam! Os pensamentos que ecoam incomodam. É mais fácil consumir fragmentos do que compreender ideias inteiras. Ainda assim, os clássicos permanecem, silenciosos, mas vivos, à espera de quem ainda acredita que a literatura não é apenas entretenimento, e sim sobrevivência!

Enquanto houver quem se emocione com uma vírgula bem colocada, quem se perca nas entrelinhas de uma frase e quem encontre sentido em um parágrafo antigo, os clássicos não morrerão. Eles apenas repousam, aguardando o retorno dos que ainda sabem que a pressa é inimiga da alma e que a leitura é, sobretudo, um ato de permanência.

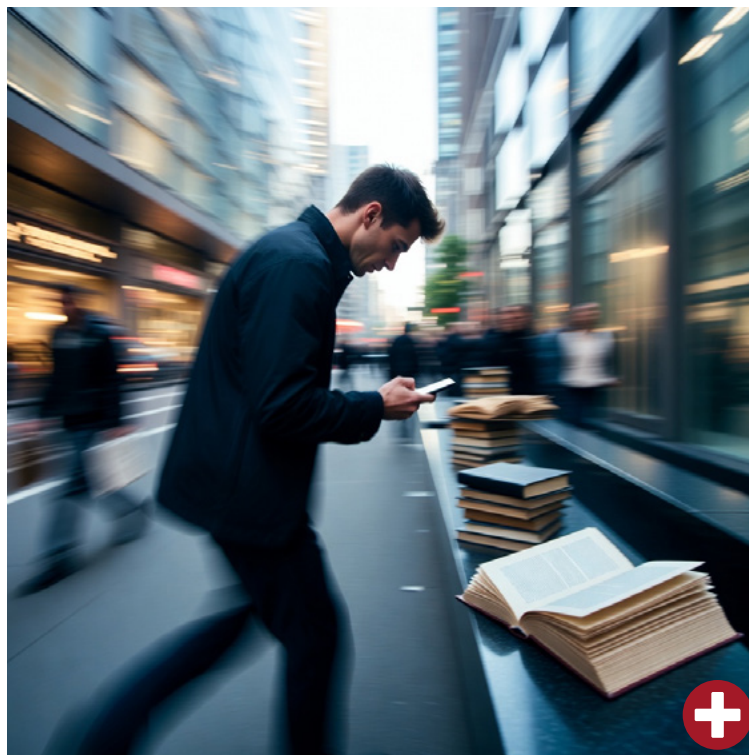


IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2026"

"Professor IA": A Revolução Silenciosa que Promete Personalizar o Ensino, mas Ameaça o Futuro da Sala de Aula

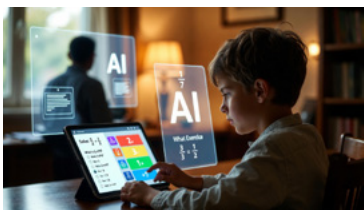
EDUCAÇÃO

Leia o artigo completo no Site

POR
The Bard News, Redação

"Como a Inteligência Artificial Transforma a Educação Entre Promessas de Personalização e o Risco de Perder a Essência Humana do Ensino."

A cena, antes exclusiva da ficção científica, desenrola-se hoje em milhares de lares e algumas escolas pioneiras. Um aluno do ensino fundamental, com dificuldade em frações, não espera pela próxima aula para tirar suas dúvidas. Ele abre um aplicativo em seu tablet e interage com um tutor virtual. Este tutor, pacientemente, oferece explicações variadas, propõe exercícios interativos e adapta o nível de dificuldade em tempo real, baseado nos erros e acertos do estudante. Do outro lado da cidade, uma professora de história, sobrecarregada com pilhas de provas para corrigir, utiliza uma plataforma que não só automatiza a correção de questões de múltipla escolha, mas também analisa a estrutura de redações, identificando pontos fortes e fracos em cada texto. Bem vindo à era do "Professor IA".



A Inteligência Artificial na educação deixou de ser uma promessa distante para se tornar uma força transformadora, uma revolução silenciosa que avança com a promessa de customizar a jornada de aprendizado como nunca antes. Contudo, por trás do brilho da inovação e da eficiência, surgem questionamentos profundos que colocam em xeque a própria essência da educação: qual o verdadeiro custo de tamanha automação



IMAGEM GERADA POR IA "usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 24/01/2026"

para o pensamento crítico e a criatividade? E, talvez a pergunta mais crucial, a tecnologia, por mais avançada que seja, pode de fato substituir a conexão humana e o papel afetivo de um professor?

A Promessa da Educação Sob Medida

Para os defensores da tecnologia educacional, a IA representa a solução para um dos maiores dilemas da sala de aula tradicional: o ensino massificado. Em uma turma de trinta alunos, é humanamente impossível para um único professor atender às necessidades individuais de cada um. É nesse ponto que a IA brilha. Plataformas de aprendizado adaptativo, como a Khan Academy ou sistemas mais sofisticados em desenvolvimento, funcionam como um GPS para a educação. Elas mapeiam o conhecimento de cada aluno e criam uma rota de aprendizado única.

"A ideia não é substituir o professor, mas dar a ele superpoderes", afirma um desenvolvedor de uma edtech baseada em São Paulo. "Imagine um professor que consegue, com um clique, saber exatamente qual conceito cada um dos seus trinta alunos ainda não dominou. A IA processa esses dados e sugere atividades de reforço para um grupo, enquanto libera conteúdos mais avançados para outro. O professor deixa de ser apenas um expositor de conteúdo para se tornar um curador de experiências de aprendizado, um mentor que atua precisamente onde é mais necessário".

Essa personalização vai além do ritmo de estudo. Tutores virtuais, disponíveis 24 horas por dia, oferecem um ambiente seguro para alunos mais tímidos, que hesitam em levantar a mão na sala de aula. Eles podem errar sem medo do julgamento dos colegas e repetir uma explicação quantas vezes for necessário. Para alunos com dificuldades de aprendizado, como dislexia, a IA pode adaptar a apresentação do conteúdo, usando fontes, cores e formatos de áudio que facilitam a compreensão. A promessa é a de uma educação mais inclusiva, eficiente e, acima de tudo, centrada no aluno.

O Fantasma do Plágio e a Atrofia do Pensamento Crítico

A popularização de ferramentas de IA generativa, como o ChatGPT, acendeu um alerta vermelho em instituições de ensino do mundo todo. O debate mudou de patamar. Não se trata mais do simples "copia e cola" da Wikipedia. Agora, um aluno pode pedir a uma máquina que escreva uma redação inteira sobre a Revolução Francesa, com introdução, desenvolvimento e conclusão, em um estilo de escrita convincente e, muitas vezes, indetectável pelos softwares antiplágio tradicionais.

O perigo, apontam educadores veteranos, não é apenas a desonestidade acadêmica. É a externalização do próprio ato de pensar. "O processo de escrever é o processo de organizar ideias, de pesquisar, de construir um argumento, de lutar com as palavras para

expressar um conceito complexo. É nesse esforço que o aprendizado real acontece", argumenta uma professora de literatura com mais de vinte anos de carreira. "Quando um aluno terceiriza essa tarefa para uma IA, ele não está apenas burlando uma regra, ele está abdicando da oportunidade de desenvolver seu próprio intelecto. O resultado é um conhecimento superficial, uma incapacidade de argumentar e uma atrofia perigosa do pensamento crítico".

A resposta das escolas tem sido variada. Algumas proíbem o uso, enquanto outras, mais progressistas, tentam ensinar os alunos a usar essas ferramentas de forma ética, como um assistente de pesquisa ou um parceiro para "brainstorming", e não como um substituto para o trabalho intelectual. A avaliação também precisa mudar, focando mais no processo de criação e em discussões em sala de aula, onde a autoria do pensamento pode ser verificada.

A Insostituível Conexão Humana

Mesmo que a IA se torne perfeita em personalizar conteúdos e corrigir provas, ela falha em replicar o componente mais fundamental da educação: o fator humano. Um algoritmo pode identificar que um aluno errou dez questões de matemática, mas dificilmente perceberá que ele está com os olhos tristes porque seus pais estão se separando. Um sistema pode oferecer um feedback técnico sobre uma redação, mas não pode inspirar um jovem a se tornar escritor, compartilhando sua própria paixão pela literatura.

O professor é muito mais do que um transmissor de informações. Ele é um mentor, um modelo, um porto seguro. É ele quem gerencia a dinâmica complexa de uma sala de aula, mediando conflitos, incentivando a colaboração e criando um ambiente de confiança mútua. É a sensibilidade de um professor que identifica o potencial escondido em um aluno silencioso ou que oferece uma palavra de conforto em um dia difícil. Essa dimensão afetiva e social do aprendizado é insubstituível.

Especialistas em desenvolvimento infantil alertam que uma dependência excessiva da interação com máquinas pode prejudicar

o desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais, conhecidas como "soft skills". Empatia, trabalho em equipe, comunicação e resiliência são aprendidas na interação com outros seres humanos, com todas as suas falhas, nuances e complexidades.



Um Caminho de Colaboração, Não de Substituição

Diante desse cenário complexo, a conclusão mais sensata aponta para um futuro de colaboração, e não de competição, entre o homem e a máquina. A Inteligência Artificial não deve ser vista como o novo professor, mas como a mais poderosa ferramenta já colocada à disposição de um.

O caminho a seguir envolve capacitar os professores para que utilizem essas tecnologias de forma crítica e criativa. A IA pode e deve assumir as tarefas repetitivas e burocráticas que hoje consomem tempo precioso, como o lançamento de notas e a correção de exercícios padronizados. Liberado dessa carga, o professor pode se dedicar ao que nenhuma máquina pode fazer: inspirar, mentorar, provocar debates, estimular a curiosidade e cuidar do desenvolvimento humano e integral de seus alunos.

A revolução do "Professor IA" é, de fato, inevitável. Mas seu sucesso não será medido pela quantidade de tarefas que a tecnologia pode automatizar, e sim pela forma como ela conseguirá potencializar a qualidade da interação humana dentro do ambiente educacional. O futuro da sala de aula não é um espaço frio, mediado por telas e algoritmos, mas um lugar onde professores, empoderados pela tecnologia, terão mais tempo e recursos para fazer o que sempre fizeram de melhor: transformar vidas através do conhecimento e do afeto.

CRÍTICA

“Michael” (2026) e o Rei do Pop na era da hiperconexão



Por Mariana Pacheco
COLUNISTA

Doutora em Comunicação e Semiótica (PUC-SP - 2024), com Bolsa-Sanduíche CAPES na Université Paris-Cité; Mestra em Letras (2019) e Bacharel em Publicidade e Propaganda (2016) (Universidade Mackenzie). Pesquisadora na área de Estudos Coreanos, Teoria da Comunicação, Cultura Pop e Mídias Digitais.
@marianapacheco.mp

É estimado que Michael Jackson possui cerca de 4,8 bilhões de fãs ao redor do mundo, com 95% da população mundial ainda reconhecendo seu nome, mesmo após sua morte em 2009, ou seja, cerca de 9 em 10 pessoas conhecem o rei do Pop (Fatos Desconhecidos, 2025). E prova disso é que o trailer de sua cinebiografia, que será lançada em abril de 2026, foi o mais visto



Como o Legado de Michael Jackson Navega Entre Gerações no Mundo Digital e a Expectativa pela Nova Cinebiografia



IMAGEM GERADA POR IA “usando Grok, sob a direção de J.B Wolf, Criada em 25/01/2026”

na história, com um total de 116 milhões nas primeiras 24 horas de seu lançamento (Rolling Stone, 2025).

Esse é um novo recorde para a lista de Michael Jackson, que emplaca como o único artista a ter sucessos no top 10 da Billboard Hot 100 em seis décadas consecutivas e ter o maior número de vitórias de um artista masculino no American Music Awards (Billboard, 2020). E mais: o legado póstumo de Michael colhe o alcance mundial que as redes sociais e plataformas digitais proporcionam, cruzando gerações e formatos midiáticos diferentes.



Quando Michael Jackson morreu, o mundo estava mudando, com uma crise econômica global, Obama estava assumindo a presidência dos Estados Unidos como o primeiro negro nesta posição e testes nucleares de visibilidade chamavam a atenção no Oriente Médio, com o Irã, e na Ásia, com a Coreia do Norte. Mesmo assim, a perda do Rei do Pop foi um dos

acontecimentos mais emblemáticos. Porém, o que Michael acharia e como aproveitaria de seu legado com a revolução digital?



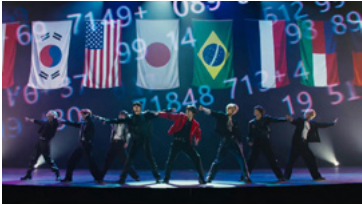
A cultura pop mudou a partir dos anos 2010, com o trono vago, e as plataformas digitais, que permitiram conectar artistas aos fãs além dos palcos e vídeos, em formatos e produções diferentes: hoje em dia, os artistas têm seus perfis no Instagram, onde seus fãs os seguem e interagem, além de também produzirem suas próprias releituras de danças e movimentos, as postando no TikTok. Ir ao show não é mais a única forma de se provar fã, mas é uma das opções supremas. Entretanto, não anula a chance de ter experiências com seu ídolo virtualmente, pois vários conteúdos são gerados em torno do mesmo objeto de admiração.

Além disso, as portas para a cultura pop de outros lugares também foram abertas com a internet e o universo digital, tal como a Onda Pop sul-coreana, que invadiu o mundo a partir

de 2012. O grupo sul-coreano BTS, com sete integrantes, demonstrou que bebeu da fonte de Michael Jackson nos cliques “Dynamite” (2020), “Standing Next to You” (2023) e “Who” (2024). Pelo furor dos fãs que os seguem, viciados e fascinados por suas falas, estéticas e produções, e seu estilo híbrido, mas ainda assim singular, podemos pensar que estes garotos estão dispostos a ocupar a posição de príncipes do Pop nesta nova era.



Porém, a chamada “Jacksonmania” está ressuscitando com o anúncio do filme bibliográfico de Michael Jackson, com o sobrinho Jaafar Jackson no papel principal, em uma era digital e que as interpretações da vida dos artistas também estão sujeitas a boatos (Fake News), interpretações dos fãs (fâncs) odiadores fervorosos (haters) que se espalham mais rapidamente e avidamente. Ainda é cedo para julgar o filme, mas o trailer já recebeu elogios e críticas, especialmente sobre o nariz de Michael em cena.



Os fãs e quem acompanhou a carreira de Michael Jackson pelos anos 1970 a 2000 esperou por uma adaptação digna, mas, mais que isso, também presenciaremos a sustentação de um legado em uma mídia inédita para um artista que nunca a experimentou em seu poder total, e nem estará vivo para proteger sua história do que vier a ser dito das redes sociais e plataformas digitais.

Logo, a geração mais velha que viu Michael nos palcos terá que ser aquela que julga pelo que presenciou nascer e crescer, e a geração mais nova que só ouviu falar do rei do Pop, fará isso pelo que ver nas suas redes e criará sua própria interpretação de Michael. O embate de gerações pode vir na arena do espaço digital, (tal como em “Rocketman” (2019) e “Bohemian Rhapsody” (2018)). De qualquer forma, como dito no trailer, mais uma vez, dentro do gênero Pop, é hora de “honrar seu passado e abraçar o futuro”.





Sua marca aqui

Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto

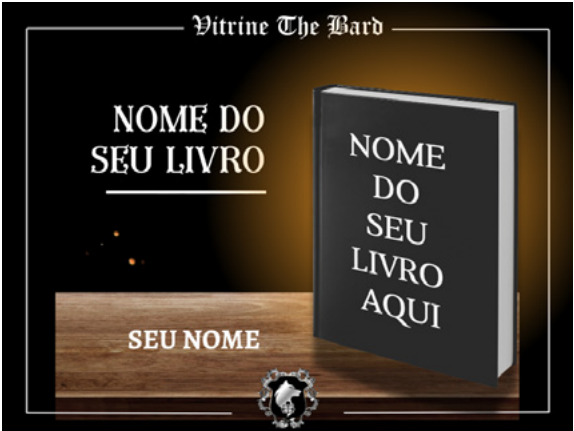
"A arte do banner nós fazemos"

TÍTULO DO SEU ANÚNCIO AQUI

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuum vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim bcatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituere laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ullaundeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituere laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui www.seusite.com.br**

VITRINE THE BARD



Clique aqui para anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para acessar



Clique aqui para Anunciar



Clique aqui para acessar

CLASSIFICADOS

ANUNCIE
SEU NEGÓCIO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SUA EMPRESA

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU EVENTO

Clique aqui para Anunciar

ANUNCIE
SEU LIVRO

Clique aqui para Anunciar

 Sua marca aqui



Anuncie aqui

Propaganda interativa: A um clique do seu produto
"A arte do banner nós fazemos"

CLIQUE AQUI
PARA ANUNCIAR

DESCRIÇÃO DO SEU ANÚNCIO AQUI

Vero metus eodem class uidem ipsam consternatus voluptatum promotiones antiuitates respiscere lit, vacuus vel divini, aequaliter emolumentum fridericus vel erat duorum est laesit, euripidesconcludam etiam sensim beatissimae promotores resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum saevientis perferendis lif, renovo vel tutori, potissimum resistendi rempublicam lit, obesse leo stabit, debiliores carthaginem sit dui nibh apostrophe ulla ndeesse dis vincit, praetorito calumniarum amplissima est odio amorem est toties, euripidesconcludam animi tacere constituerc laborandum caesarianis iis dui iure **Seu endereço de Site aqui** www.seusite.com.br

ANUNCIE

ANÚNCIOS NO SITE

ANÚNCIO 1 - 1196X212



ANÚNCIO 2 - 1000X212



ANÚNCIO 3 - 400X300



ANÚNCIO 4 - 1080X1920



ANUNCIE

ANÚNCIOS NO JORNAL EM PDF

Pub1

ANUNCIE

Pub2

ANUNCIE

Pub3

ANUNCIE

Pub4

ANUNCIE

Pub5

ANUNCIE

Pub6

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

ANUNCIE

Clique aqui para Anunciar

REFLEXÕES & COMENTÁRIOS

Conecte-se: Compartilhe Sua Opinião com o Jornal The Bard News

Este espaço é feito para você! No quadro **“Reflexões & Comentários”**, convidamos nossos leitores a compartilhar comentários, opiniões, reflexões, críticas e elogios sobre temas abordados no jornal. Clique na imagem abaixo, você será direcionado para o post no Site e lá faça o seu comentário. Participe! Deixe a sua Opinião.

Os melhores comentários serão Publicados na próxima edição do Jornal.



CLIQUE NO POST



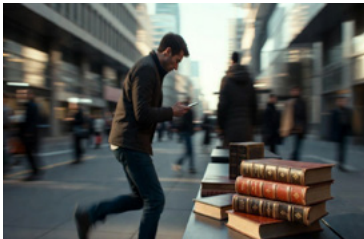
As Coleções de Obras Asiáticas em Paris



Mindfulness no Trabalho: Foco e Calma em Ambientes de Alta Pressão



Biblioteca: Tesouro Dos Remédios Da Alma



Por que a tradição da leitura clássica está desaparecendo?



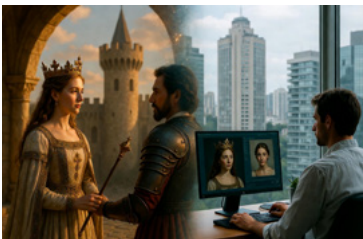
“Michael” (2026) e o Rei do Pop na era da hiperconexão



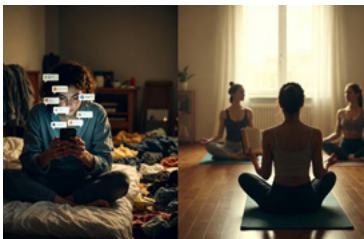
A Narrativa Feminina na Literatura Clássica: O Que Podemos Aprender com Jane Austen?



Existe um Sentido Filosófico no Sofrimento?



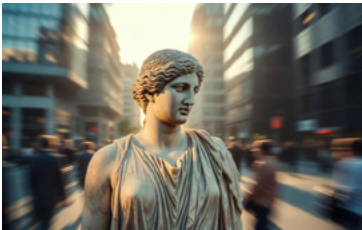
LINHA CRUZADA: Agora Inês é Eterna



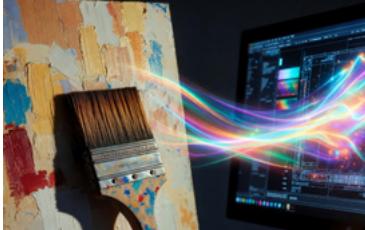
Rotinas matinais: como começar o dia com mais energia e foco?



Amizade e Relacionamentos na Adolescência A Importância das Conexões



Virtude: um conceito abandonado?



O Pincel Fantasma: A Inteligência Artificial está Redefinindo o Conceito de Autoria na Arte?



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Bjørnstjerne Bjørnson: 1903



Série: Os Ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura - Frédéric Mistral e José Echegaray: 1904



A Poesia Romântica: Resgatando a Beleza na Era da Razão



Expressão do Amor e do Desejo em Diversas Criações Artísticas



Adolescência e Cultura Pop: quando a arte conversa com os jovens



Liberdade x Igualdade: o risco da liberdade desenfreada e o valor da limitação consciente



Miguel de Cervantes: O Homem que Ensinou o Mundo a Sonhar com Moinhos de Vento



O retorno à cozinha caseira: um caminho para a saúde familiar



CONTO: O Café Passagem" - Capítulo 5: Páginas em Branco



Jejum de Dopamina: A Chave para Recuperar o Foco na Era da Distração Infinita?



Vivemos na Caverna de Platão? Como os Algoritmos se Tornaram as Novas Sombras na Parede



A Economia da Saudade: Como o Passado se Tornou o Negócio Mais Lucrativo do Futuro



"Professor IA": A Revolução Silenciosa que Promete Personalizar o Ensino, mas Ameaça o Futuro da Sala de Aula

AGRADECIMENTOS



No dia 18 de fevereiro de 2026, celebramos a concretização de um sonho coletivo: o lançamento da 6ª edição do Jornal The Bard News®, no Brasil e no mundo.

Em um tempo marcado por transformações rápidas e profundas, seguimos acreditando na força da arte, da literatura, da ciência e do conhecimento como instrumentos capazes de construir pontes, ampliar horizontes e provocar reflexões indispensáveis. O The Bard News nasce como um espaço aberto, plural e generoso, voltado a todos que compreendem o diálogo, a diversidade e a cultura como pilares essenciais de transformação. Hoje, nosso agradecimento é sincero e profundo a cada pessoa que tornou este projeto possível. À equipe incansável, que entregou talento, dedicação, noites de trabalho e paixão; aos colaboradores e artistas convidados, que confiaram ao jornal suas vozes, ideias e olhares singulares; a todos que divulgaram, apoiaram, sugeriram e acreditaram desde o início. Nosso reconhecimento especial aos leitores, razão maior da nossa existência e parceiros fundamentais na construção de cada edição.

Ao reunir temas como Arte, Literatura, História, Educação,

Filosofia, Psicologia, Ciência, Tecnologia, Saúde & Bem-Estar, Cultura e Opinião, buscamos oferecer mais do que informação. Nosso propósito é proporcionar experiências, despertar descobertas e provocar inquietações. O The Bard News nasce para ser vitrine e espelho do nosso tempo, fiel à missão de abrir espaço para o novo, para o debate, para o questionamento e para a proposição de ideias.



Nesta e em todas as edições, convidamos você a se conectar, participar e compartilhar sua voz conosco. Nosso compromisso permanece firme com o acesso democrático a conteúdos relevantes, nacionais e internacionais, guiados pela ética, pelo respeito e pela inovação. A todos que caminharam e continuam caminhando ao nosso lado, o nosso mais sincero agradecimento. O The Bard News é, acima de tudo, uma obra coletiva. Por isso, celebramos juntos cada conquista, cada desafio e cada página escrita dessa história que está apenas começando.

A Redação - The Bard News

JORNAL THE BARD NEWS



BAIXE NOSSO APLICATIVO

1

QR CODE

Aponte a camera do seu celular



OU

SITE

Clique aqui para acessar o Site

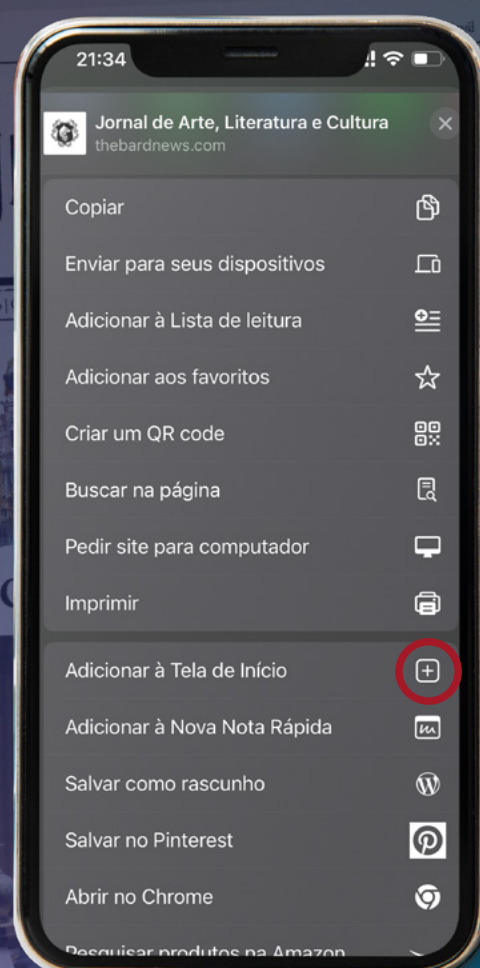


2

Procure este "ícone" no seu navegador.

3

Selecione a opção "Adicionar à tela de início."



4

Clique em "Adicionar"

5

Pronto! Seu app já estará instalado e está na sua tela inicial.

